



Mulheres que fazem história



Museu da Pessoa

São Paulo 2014



Sumário

vida de menina

16 Dona Messias precisava subir num caixote para botar a panela no fogo

em torno da família

22 Odete, desde criança, entre as panelas e as agulhas

28 Para sair da favela com a família, Rosa ajudou a construir a própria casa

29 Como os brigadeiros de Sônia salvaram a faculdade de seu filho

aprendendo e ensinando

30 Meire tinha muitas ideias, mas ainda não sabia nem pregar um botão

35 Aos 60 anos, Nalvinha se formou ao lado dos jovens; tão jovem quanto eles

36 Lea quis estudar Serviço Social para ajudar mais e mais pessoas

pé na estrada

38 Dona Jura viajou muito até chegar a Heliópolis

44 Lucia mudou com a família para Rio Claro e salvou o filho mais velho das drogas

45 Cleide saiu da Bahia e encontrou seu lugar em Santa Catarina

em transformação

46 A vida de Expedita muda quando ela chega ao trabalho

51 Graça, com seus sorvetes, refresca a vida de quem passa

52 Com a palha, Jeronice tece seu amanhã

53 Depois de perder tudo, Carmelita se refez com uma antiga receita da mãe

mãos à obra!

54 “Maria, vamos fazer hora extra?” Eu digo: “Vamos!”

59 Leninha saiu do sofá para se tornar uma líder

60 Ensinar “está no sangue” de Eunice

61 Na rotina de Lane, fugir do “rapa” era uma constante

em sintonia com o planeta

62 Márcia descobriu um novo sentido para a vida

67 Agora Nadia pode viver tranquila em sua comunidade

68 Dorinha aceitou um desafio e descobriu 60 tipos de madeira

reinventando a vida

70 Nice encarou São Paulo com coragem e decidiu que ia vencer

75 Com 14 anos, Izilda aprendeu a defender sua família

76 Daniele encontrou um novo trabalho com as frutas da Amazônia

todas por uma

78 Marlene quer ver as mulheres assumirem o rumo das próprias vidas

83 Iolanda, a merendeira que virou padeira

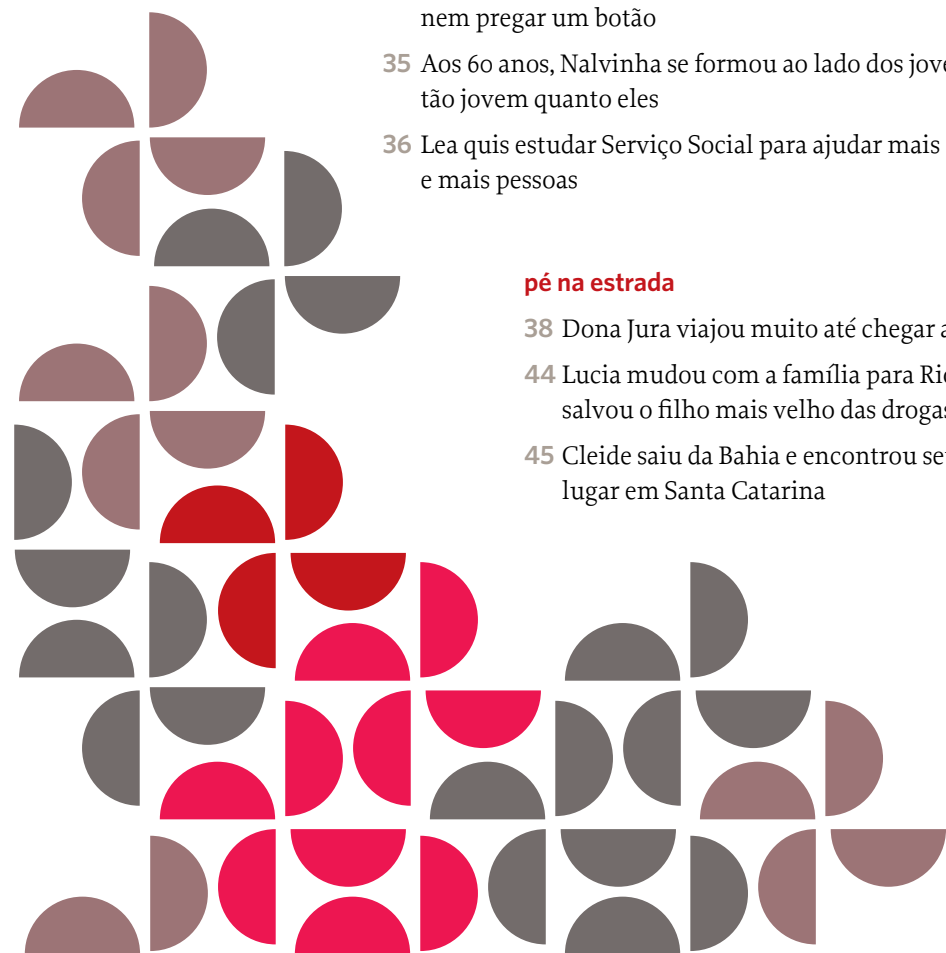
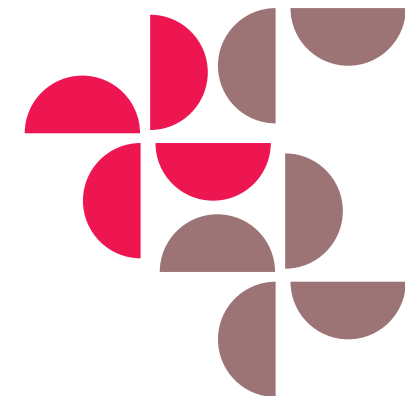
84 Cecé ajuda as famílias da região a tirar o sustento da mandioca

sonhar sempre

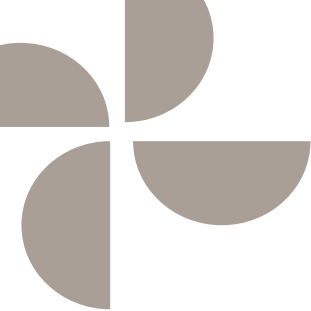
86 Dora sonha em ter seu próprio restaurante

91 Joyce quer aprender mais para ter seu próprio negócio

92 Raimunda de Saracá já fez muito, mas não sossega enquanto não estudar agronomia







Descobrimo o próprio valor

Ao longo de três meses, no primeiro semestre de 2014, uma equipe do Museu da Pessoa percorreu o Brasil conversando com mulheres que descobriram que, mais do que trabalhar, fazer parte de um empreendimento traz uma realização pessoal que elas jamais poderiam imaginar.

São mulheres de todas idades – de jovens recém-saídas da escola a mulheres maduras, mães, avós – e têm em comum a transformação por que passaram em suas vidas, graças às oportunidades às quais tiveram acesso. Este livro reúne 30 depoimentos realizados nas cidades de São Paulo (SP), Guarujá (SP), São Bernardo do Campo (SP), Rio Claro (SP), Cordeirópolis (SP), Manaus (AM), Joinville (SC), Conceição de Coité (BA) e Lauro de Freitas (BA).

Todas elas contaram em algum momento com o apoio do Consulado da Mulher, iniciativa da Consul voltada para o apoio a mulheres em vários projetos de geração de renda nas mais diversas atividades econômicas. Em parceria com o Museu da Pessoa, a equipe do Consulado identificou as entrevistadas e garantiu, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, os recursos necessários para a concretização deste livro.

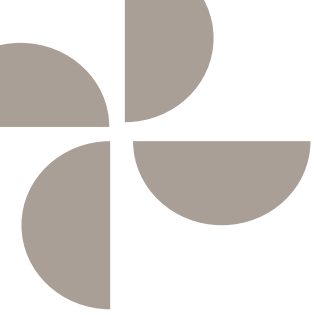
Os depoimentos são organizados por temas que vão da infância aos sonhos de futuro, construindo uma narrativa que permite conhecer várias realidades Brasil afora e também os dilemas, alegrias, motivações e realizações dessas mulheres. Para garantir uma leitura fluida, os depoimentos são apresentados em duas versões: histórias de vida, que abrem cada um dos dez capítulos temáticos, com uma abordagem mais ampla, e relatos pontuais, ilustrativos da vida e do trabalho dessas mulheres. Os dois formatos se entrelaçam de modo a compor um mosaico de memórias temáticas, sempre acompanhados de pequenas biografias, retratos e imagens dos acervos pessoais.

Esse é o universo de trabalho do Museu da Pessoa, que desde 1991 reúne histórias de vida como uma forma de preservar saberes e fazeres. Fundado em São Paulo, é um museu virtual com mais de 17 mil depoimentos e cerca de 72 mil imagens, que formam um dos maiores acervos de história contemporânea brasileira.

O registro da memória oral permite mobilizar a comunidade envolvida, na medida em que valoriza a vivência pessoal de seus integrantes. Estimula ainda a conscientização da comunidade para a importância da participação de cada um na construção de uma história maior. Afinal, a percepção coletiva de que o cidadão pode ser agente de sua própria história proporciona uma revisão dos valores vigentes e possibilita a transformação social de forma responsável e participativa. Assim, ouvir as histórias dos outros estimula uma melhor convivência com as diferenças, fazendo com que valorizemos o “outro”.

As histórias de vida reunidas neste livro são mais um exemplo da riqueza dessas narrativas. Convidamos você a ouvir essas vozes femininas que estão construindo o próprio futuro e, com ele, o das futuras gerações de brasileiras.





É com grande satisfação que a Consul, junto com o Consulado da Mulher, apresenta o livro Mulheres que fazem história, uma leitura de histórias de mulheres que souberam olhar de maneira diferente para os problemas de sempre, e que, com o apoio do Consulado da Mulher, transformaram seus sonhos em realidade e construíram histórias de superação e inspiração.

A Consul acredita na vontade das pessoas em se reinventar e principalmente na força das mulheres. Sabemos que quem anda junto chega mais longe, e por isso caminhamos lado a lado com essas mulheres, para melhorar a sua realidade e a das pessoas a sua volta.

O Instituto Consulado da Mulher é a Consul ao lado da mulher, incentivando o empreendedorismo e transformando sonhos em realidade.

Temos muito orgulho de poder compartilhar algumas histórias dentre milhares de outras que já ajudamos a construir. Afinal, investimos e empoderamos as mulheres para juntos ajudarmos a transformar histórias de vida, apostando todos os dias nos sonhos que fazem a diferença.

Boa Leitura!

Consul

**Consulado
da Mulher**







vida de menina



Messias Andrade de Jesus

Dona Messias precisava subir num caixote para botar a panela no fogo

Meu pai era pescador, pescava em rio e tinha roça. Na roça ele plantava mandioca, e a gente ajudava. Eram quatro irmãos e tinha mais três por parte de pai, mas não moraram com a gente, foram cada um para o seu lugar.

Quando era tempo de farinha, a gente tinha que ficar ali pra raspar a mandioca, tirar a tapioca. Quando plantava a cana pra fazer a rapadura, a gente tocava os bois – nesse tempo era engenho – pra moer a cana e fazer a rapadura. Essas coisas a gente vendia e também serviam pra própria família.

Vendia muita rapadura. A gente tirava o mel pra fazer uma batida com canela, erva-doce, fica aquilo maciozinho, que bota na boca e desmancha. A gente fazia como uma flor; tirava aquele mel grosso da cana raspada, depois pegava a tapioca e melava a mão de goma e ia puxando, até amolecer. Quando amolecia, a gente fazia aquelas rosinhas, ligeiramente, e dizia: “Morreu”.

Quando o rio enchia, tomava a mandioca toda, aí era todo mundo na carreira, arrancando pra não perder. Porque o Rio de São Francisco enche muito.

Dando trabalho na escola

De manhã minha mãe acordava todo mundo pra buscar água pra molhar as plantas. Ela tinha pé de uva e bananeira no quintal. Naquele tempo, o pobre não sabia o que era pão, nem nada, era café com farinha. Meio-dia vinha, comia o seu pratinho de feijão, ficava ali descansando. Tinha uma moça que ensinava ponto-cruz, foi assim que aprendi.

Entrei na escola desde cedo, só que eu que não quis aprender mesmo, e hoje me arrependo. Eu queria mais esse serviço assim, isso que eu faço. Eu brigava na escola, fui reprovada pelo delegado escolar porque botei um apelido na professora; ele me segurou bem no ano que eu ia passar direto. Eu escrevi na parede, a professora viu, me botou no castigo, depois minha mãe me deu uma surra que eu até caí doente. Aí minha mãe teve que pagar um professor particular. Se não acertasse um número da tabuada, o bolo cantava.

Não sei quanto tempo fiquei na escola, não gravei muito, não. Foi muito cedo que eu comecei a trabalhar, porque meu pai morreu e minha mãe não tinha outro jeito, todo mundo ia trabalhar. Aí minha mãe morreu, ficamos só eu e minha irmã. Eu tomava conta de criança, cozinhava, era babá. Quando eu comecei a trabalhar em casa de família, eu era tão “grande” que a patroa botava um caixote pra eu subir quando ia botar a panela no fogo.

Lavadeira em Lauro de Freitas

Eu conheci meu marido quando ele foi fazer um posto de saúde em Curaçá. Ele trabalhava na Sucam (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública). Mas eu nem sei mais como foi, porque ele já morreu, já me deixou em paz. Naquele tempo, as meninas não tinham esse fogo de namorar cedo, não. Quando eu casei, tinha meus 18 anos, vinha pra casa, ele trabalhava, era funcionário, aí eu não precisava me acabar em casa de família.

Depois eu vim pra Lauro de Freitas com o homem e daí fiquei toda a vida. Vi Lauro de Freitas se desenvolver... cresceu muito. Era muito apagado, não tinha nem luz, era só até dez horas. Era tão apagado que eu tinha medo. A gente tinha medo de soldado, porque naquele tempo era soldado que fazia bagunça.



Passeio das lavadeiras com a professora de costura na Ilha da Penha, em Salvador.

Quando eu vim pra cá é que ele começou com a ruindade dele; aí eu comecei a trabalhar pra ter o meu. Quando ele chegasse com o dele grande, eu tinha o meu pequeno. Até hoje eu sou assim. Eu moro com o meu filho, mas ninguém me vê pedir nada a meus filhos, eles me dão porque querem.

Lavei roupa 52 anos dentro do Rio da Pitanga. Roupas de dez famílias. Eu chegava no rio seis horas da manhã. A gente pegava a trouxa da roupa, ia para o rio, lavava e botava pra enxugar. De tarde, dobrava tudo, trazia pra casa pra passar ferro. Cada dia a gente levava uma trouxa. Hoje em dia tá tudo difícil, mas é melhor que antigamente. Porque antigamente não escolhia roupa, era pano de chão, era toalha, era tudo, botavam pra gente lavar e a gente lavava pra ganhar cinco, dez mil-réis. Mas agora a gente lava 30 peças, eles pagam 42 reais a diária.

Quando acabava de lavar roupa, a gente tomava um banho, sentava na sombra, chupava manga. A vida da gente era muito sofrida, viu? Tinha umas que diziam: “Vamos beber um rabo-de-galo”. Aí mandava comprar a bebida e todo mundo ficava mais alegre. Depois foi que o rio não prestou mais, fizeram esgoto, aí a gente ficou sem lavar no rio, lavava em casa. Na rua tinha aqueles capinzinhos baixos, a gente escorava a roupa neles, enxaguava, botava ali. Ficou ruim só por isso, porque cada um ficou só na sua casa.

**AS MULHERES DAQUI NEM
MARIDO TÊM MAIS, TODOS
OS HOMENS JÁ FORAM PRA
DEIXAR AS MULHERES LIVRES.**





Organização profissional

Quando o rio começou a ficar poluído, a Embasa já tinha trazido a água, aí todo mundo puxou pras suas casas. Antes não tinha água encanada, não. Até nas casas das famílias em que eu trabalhava tinha a aguadeira, tinha a cozinheira e tinha quem tomava conta dos meninos. A aguadeira ia de manhã e de tarde, subia a escada pra encher um tanque lá em cima.

Um dia a dona Antônia chegou e disse: “Messias, vamos fazer um grupo de lavadeira?”. Aí começamos a ir pra cidade ver como eram as coisas, cada semana a reunião era numa casa. A gente fazia aqueles bolos bem pequenininhos pra vender, 1 real cada. E nisso foi formando o grupo, depois entrou esse prefeito, Roberto Muniz, e ele deu esse terreno aqui pra gente.

A gente ia fazer assembleia na cidade todo ano. Pras patroas verem que a gente trabalhava e darem um salário justo pra gente. A gente mesmo que organizava. Lá na cidade a gente ia no colégio das freiras, elas ajudavam muito. A gente saía pra fazer manifestação na rua. A gente juntava o povo, pedia ao povo pra frequentar e, naquele tempo, em folia, assim, todo mundo vinha. Aí que entrou a Associação das Lavadeiras de Lauro de Freitas.

No total eram umas 42 mulheres, mas depois umas adoecem, vão se afastando, outras vão morrendo. Começamos lavando nos tanques que eles deram. Depois o Consulado da Mulher mandou essas máquinas, duas de enxugar e duas de lavar, e foi o que descansou a gente, porque lavar na mão, com chuva, é dose. Todas as mulheres se acostumaram com a máquina.

**PORQUE NINGUÉM ESPERE, QUE DO CÉU
NÃO CAI NADA. TEM QUE SAIR PEDINDO.
VOU À PREFEITURA, PEÇO, SE NÃO PODE,
NÃO PODE E PRONTO, FICA LÁ.**



Eu tenho uma parceira de passar roupa; eu lavo todas as roupas que entram aqui, dou tudo lavadinho e ela passa. Depois que recebe o dinheiro, a gente divide e tira aquele tantinho, bota numa caixinha, que é o fundo da máquina, pra quando precisa consertar a máquina ou outras coisas. As outras também ajudam, todo mundo dá, algumas usam um dia e pagam.

Acolhida para quem precisa

A professora de bordado vem às vezes, aí a gente mostra as costuras que fez durante a semana e ela passa outras. No dia que não tem roupa pra lavar, a gente tá aqui costurando. Agora a gente tá num movimento de juntar dinheiro pra mandar cimentar tudo, pra quando a gente for fazer as festinhas.

Eu acho que aqui é um descanso, porque a gente tá fazendo nosso pontinho, conversando. É como eu, eu lavo a roupa, mas acho que aqui que é bom pra mim. Eu não sei ficar dentro de quatro paredes. Deu cinco horas da manhã eu já quero sair. Eu venho andando e vou andando; quando meu filho tá de folga ele me traz de carro.

Meu sonho maior é ver aqui crescer do jeito que eu quero. Crescer como uma lavanderia e como um espaço para o idoso, pra que, quando o filho maltratar a mãe, ela venha, fique aqui, o que nós comermos ela come. No dia que eu achar quem me ajude a fazer um quarto, eu boto duas camas. Isso aí eu tenho fé em Deus que vou alcançar.



Messias Andrade de Jesus nasceu em Curaçá, na Bahia, no dia de Natal de 1930. Até hoje esse é um dia feliz, o dia de reunir filhos e colegas. É por isso que seu pai, Hermínio Andrade, casado com Cecília da Conceição, decidiu chamá-la de Messias. Depois de se casar, mudou-se para Lauro de Freitas, onde teve 14 filhos, sete meninos e sete meninas, mas cinco faleceram. Hoje os netos enchem a casa que ela divide com um dos filhos, mas faz questão de ter seu próprio dinheiro. Ela é presidente da Associação das Lavadeiras de Lauro de Freitas, na Bahia.



em torno da família



Odete Maria dos Santos

Odete, desde criança, entre as panelas e as agulhas

Desde muito pequena, acho que eu tinha uns 7, 8 anos, eu já gostava de cozinhar. Eu pegava três tijolos, fazia um cercadinho, ia catar uns gravetinhos pra fazer o fogo, daí buscava um pedaço de lata ou uma tampa velha de panela, colocava em cima e acendia o fogo. Daí pegava feijão, arroz, tudo que dava pra cozinhar, ia lá, punha em cima daquela coisa e ficava brincando de fazer comida.

Em algumas épocas minha mãe fazia roupa de lã, porque lá no Rio Grande do Sul é frio... A gente também não tinha tantas condições, então, como não tinha agulha de tricô pra mim, eu pegava uns pregos grandões, pegava um pedaço de fio de lã e ficava passando de um prego pro outro. Foi ali que eu aprendi. Então tem a parte da culinária e a parte do artesanato. Na verdade, eu sou dos dois.

Na escola, eu sempre fui boa aluna. Nesse ponto não posso me queixar. Até que comecei a trabalhar de dia, eu tinha lá meus 16 anos, na sexta série, e fui estudar à noite. Na sétima, quando terminava a última aula, a gente saía, passava a mão na pasta, na mochila, e corria pra um café. Lá a gente jogava dominó e tomava caipirinha; tanto é que naquele ano eu reprovei. No outro ano eu voltei na sétima série, mas na metade do ano eu desisti. Porque eu tava trabalhando, fazia hora extra, então já não conciliava mais o estudo com o trabalho.

Apoio paterno

Eu comecei a trabalhar como doméstica, na casa de uma família. Depois apareceu vaga pra trabalhar numa empresa, tinha todos os direitos trabalhistas, estabilidade, foi bem melhor. Era um curtume, curtimento de couro de porco. Fiquei lá seis anos, e foi onde conheci meu marido. Um dia ele tava parado na porta da empresa e eu queria entrar pra bater o cartão de ponto, e ele não me deixava. Então eu passei por ele e disse assim: “Com licença”. Assim, bem metida. E hoje ele conta que olhou e disse: “Essa aí, eu vou namorar com ela”. Não deu outra!

Depois ele entrou no Exército e foi para o quartel em Uruguai, lá na fronteira com Argentina e Uruguai. Quando ele voltou, a gente já era noivo, eu engravidei do meu filho mais velho. Então contamos pra minha mãe, que disse assim: “Amanhã de manhã, seis horas, quero você aqui na frente de casa para contar para o Pegoraro”. Nós chamávamos meu pai de Pegoraro.

No dia seguinte o Ademar foi lá: “A Odete tá grávida, o que dá pra gente fazer?”. Meu pai disse: “Casar. E aquele quarto do meio – que lá na minha mãe tinha três quartos – você pode ajeitar pra você, pode pintar e morar aqui”. Daí casamos, moramos um ano... Parece que foi uma coisa bem natural pro meu pai. A minha mãe, não, ela já foi mais braba.

Eu então saí da firma, casei e fiquei ajudando minha mãe na cozinha. Antigamente vinham umas moças de fora, do interior, pra estudar na cidade, no colégio de freiras. Elas não tinham onde morar, então minha mãe cedia um quarto. Eram todas em um quarto só. Então quando eu casei, a mãe tinha as pensionistas, as minhas três irmãs e mais três rapazes que vinham almoçar. Eu comecei a tomar conta da cozinha e a mãe limpava a casa e lavava a roupa.

**SOU AQUELA QUE QUANDO ME
DÃO O ENDEREÇO, QUE EU NÃO
SEI ONDE É, EU PEGO A GUIA
TELEFÔNICA E ME LOCALIZO.**



Odete com o filho Álison e a irmã no Hospital São José, em Joinville, 2000.

Foi engraçado, porque eu engravidei, e a minha irmã, a segunda, também engravidou. Quando a minha irmã foi contar pra minha mãe, ela aceitou na maior, porque já tinha levado a bomba da primeira. E os nossos filhos, os dois mais velhos, o meu e o dela, têm só quatro dias de diferença um do outro!

Depois de um ano a gente se mudou, meu pai ajudou a comprar as coisas, o fogão à lenha, que precisava para aquecer a casa. Eu tenho muitas lembranças boas do meu pai, principalmente de me ajudar nesse começo, e com meu filho mais velho, que era muito doente... Duas vezes eu quase perdi meu filho. Ele tinha bronquite asmática e alérgica. Teve uma crise com 6 meses e outra com 1 ano. Daí nós trocamos de médico, e ele deu uma vacina nova, que tinha acabado de ser lançada. Depois daquele dia, meu filho só melhorou.

Quando ele fez 1 aninho, como tinha ele e o meu sobrinho, eu e minha irmã dividimos as despesas e mandamos fazer o bolo e muitas coisas. Os docinhos a gente fez em casa. Depois, no segundo aninho, eu disse: “Não vou mais mandar fazer fora”. Daí eu comecei. Eu fazia o bolo, fui fazendo o do aniversário dele, daí a minha cunhada pedia, e foi indo.

Cidades novas, amigos novos

Então meu marido passou no concurso pra policial. Até hoje eu tenho orgulho do trabalho dele, fardado. Já faz uns oito, nove anos que ele se aposentou. A gente mudou várias vezes por isso. Era uma opção que eles tinham; eles podiam pedir: “Ah, eu quero trabalhar em tal cidade”. Se tivesse uma vaga, eles transferiam.

No começo foi um choque! Porque quando eu morava ali em Getúlio Vargas era da casa da mãe pra sogra, da sogra pra mãe... Então, quando eu fui morar pra lá, em Marcelino Ramos, na divisa com Santa Catarina, eu não conhecia ninguém, tinha três crianças... Eu disse assim: “Meus Deus do céu, onde eu vim morar?”. Tinha uma vizinha nos fundos, o marido dela também era policial, então começamos a conversar. Depois veio a mulher de outro policial, aí foi indo. Olha, o dia que eu saí daquela cidade, eu chorei, pela amizade que nós tínhamos deixado lá.

A gente foi de novo pra Getúlio Vargas e uma família de lá veio pra montar uma empresa aqui em Joinville. Trouxe meus cunhados, e eles trouxeram o meu filho mais velho. Ele ficou ali uns anos trabalhando, depois trouxe o segundo. Os dois então trouxeram o terceiro filho pra trabalhar na mesma firma.

Paixão por Joinville

E eu fiquei lá com o mais novo dos meus quatro meninos. Quando ele estava com 8 anos, nós descobrimos que ele tinha leucemia. Ninguém descobria o que era, daí meu cunhado trabalhava no hospital aqui de Joinville e conseguiu o tratamento. Então nós ficamos todos morando na mesma casa, e meu marido ficou lá no Rio Grande do Sul, porque naquela época ele não era aposentado ainda.

Depois que terminou o tratamento, nós voltamos pra lá. Ele ficou bem, graças a Deus! Hoje está com 22 anos. Quando ele tava com 16 pra 17 anos, os meus três filhos convidaram ele pra vir trabalhar na mesma empresa. Ele disse assim: “Eu só vou pra lá se o pai e a mãe forem também”. Daí, fazer o quê? O pai e a mãe largaram tudo lá. Largar tudo é modo de dizer. Tinha casa, vendemos a casa e viemos morar pra cá por causa do filho. Eu sou apaixonada por Joinville, desde a primeira vez.

De volta para a culinária

Aqui meus filhos tinham os colegas deles da firma, que eles convidavam pra ir em casa. Comentei com uma amiga, a Débora, que eu fazia artesanato, coisas assim. Ela tinha uma cunhada, que também faz artesanato, e me convidou pra participar da Economia Solidária. Que nem dizem, fui “com a cara e com a coragem”. Aí comecei a participar de feiras.

AGORA ELES ESTÃO LUTANDO PARA
O ARTESANATO SER UMA PROFISSÃO.
PORQUE ANTES ERA UM LAZER,
AGORA QUEREM RESGATAR
COMO UM TRABALHO.



Ademar e Odete no almoço em que começaram a flertar, na Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Getúlio Vargas, 1974.

Eu sempre fiz tricô, crochê, sempre fiz bordado de ponta de fita, aqueles de toalha, pra ajudar em casa. Comecei com o artesanato, daí no ano retrasado eu tava participando de uma feira, e eu sempre comentava que fazia salgadinho, docinho, bolo pra casamento, pra aniversário. Daí teve uma pessoa que me disse assim: “Odete, por que tu não vem trabalhar no Espaço Solidário?”

Eu disse que ia pensar. E quis tentar. Porque sou aquela que gosto de desafio. Fez um ano que comecei ali. Agora somos quatro, e abrimos uma empresa. Então não tem divisão de trabalho: você faz bolo, você faz pão, ou coisa assim. Todo mundo sabe o trabalho da outra.

Faz um ano que comecei e estou até hoje. Adoro vir pra cá, adoro fazer os cursos, aprender as técnicas. Estamos organizando a casa e meu maior sonho hoje é que o empreendimento consiga abrir caminhos. Nós abrimos nossa confeitaria, nosso espaço, e tocamos o nosso empreendimento. Pra gente também sentir o que o povo quer, porque a gente tá sempre atrás do gosto do povo. O que eles pedirem, a gente quer fazer.



Odete Maria dos Santos nasceu em Getúlio Vargas, no Rio Grande do Sul, em 7 de julho de 1956, filha de Rosalino Pegoraro e Lurdes Santina Pegoraro. O pai, filho de italianos, era agricultor e depois se mudou para a cidade. Casada com um policial, Odete se mudou várias vezes até se estabelecer em Joinville, onde os filhos já moravam. Seu sonho atualmente é fazer a empresa virar uma confeitaria e conseguir “andar com as próprias pernas”.

Para sair da favela com a família, Rosa ajudou a construir a própria casa



Fui morar com o meu marido cedo, com 18 anos, e logo tive meu primeiro filho, o Willian. Quando ele tava com 3 anos, eu me separei. Depois conheci o Adalberto e vim morar com ele na Favela Atlântica. Lá era muito triste, porque a gente tinha que conviver com as enchentes, com os bichos... rato, cobra, até jacaré.

Tive quatro filhos e tava grávida da quinta, a Rafaela, quando ele foi atropelado. Ele era ambulante na Piaçaguera, morreu ali. Eu não trabalhava nessa época, porque meu filho Richard nasceu com hidrocefalia e dava muito trabalho.

Quem me ajudou então foi meu pai e o auxílio-doença do Richard. Eu criei todos eles sozinha, mas fome nunca ninguém passou. Eu fazia trabalhos manuais, crochê, e lavava roupa, mas não tinha como trabalhar fora.

Um dia passaram fazendo o cadastro na favela e a prioridade era para os idosos, pessoas com deficiência e gestantes. Como eu tinha o meu filho, fui selecionada. Ajudei na construção do chão até o teto, junto com o pessoal da ONG Habitat. E com eles veio o Consulado da Mulher, que ajudou a gente a trabalhar com a lavanderia. Foi muito curso, veio gente dar aula, ensinar lavar, passar, tirar mancha.

Em vista de onde eu morava, é um castelo. E eu trabalho do lado de casa. Agora o Richard não tem mais crise, vai na escola e eu tô aqui do lado, qualquer hora vou lá. Tudo mudou 100%.

Roselene dos Santos, conhecida como Rosa, nasceu no dia 12 de fevereiro de 1966, no Guarujá. Filha do sergipano João Francisco dos Santos e de Benedicta dos Santos, foi criada pela segunda esposa do pai, a baiana Nice. Trabalha na LavPaty, lavanderia solidária instalada em 2013 em um espaço cedido pela Prefeitura do Guarujá no bairro de Vila Nova Esperança. Ao mesmo tempo, Rosa continua fazendo seus trabalhos manuais e também cozinha. Além de lavar e passar, aprendeu também a fazer a contabilidade. Agora o grupo fez um planejamento para pedir doações e assim conseguir ampliar a lavanderia e atender clientes empresariais maiores. Casou-se novamente, apesar da resistência dos filhos, que são todos “muito ciumentos”.

Como os brigadeiros de Sônia salvaram a faculdade de seu filho



Meu marido faleceu, deixou muita saudade. Quando a gente se conheceu, acho que foi amor à primeira vista. Mais tarde, ele ficou doente e bem nessa época conturbada minha filha, de 14 anos, ficou grávida. Mas ele quis criar o menino como se fosse dele. Logo depois eu fiquei viúva, aí vim para Rio Claro, porque meu filho já morava aqui, num apartamento da firma. Tinha largado os estudos pra poder batalhar, minha filha não estava trabalhando, então ele chamou a gente pra cá.

Meu filho queria fazer faculdade, estudou toda noite, sem cursinho, e passou em Física na Unesp. Mas o curso é integral, então ele pediu demissão e saiu da loja sem nenhum direito. Aí a gente teve que sair do apartamento e alugar uma casa. Foi a maior dificuldade, a gente sem trabalho. Eu vi que tinha umas latas de Leite Moça, um chocolate, aí fiz brigadeiro pra ele vender na faculdade. Mas como ele é muito bom, vendia fiado, ninguém pagava de volta.

Um dia, um professor viu a muvuca, todo mundo ali em volta do brigadeiro, falou pro Thiago ir na sala dele. Ele pensou que ia ser repreendido, mas o professor perguntou o que estava acontecendo e ele explicou. Aí o professor se comoveu e ajudou ele a conseguir uma bolsa de iniciação científica.

Sônia Gonçalves Claro dos Santos, natural de São José dos Campos, no interior de São Paulo, nasceu no dia 19 de agosto de 1965. Para manter os cinco filhos, o pai, Gilberto Gonçalves Pereira, trabalhava muito, como mecânico, e a mãe, Dominga dos Santos Pereira, complementava a renda como lavadeira. O primeiro emprego de Sônia foi como atendente em um consultório médico, aos 18 anos. Depois de casada, parou de trabalhar e, quando perdeu o marido, trabalhou como faxineira para complementar a renda. Cansada e com o dinheiro sempre apertado, ela conseguiu uma vaga na lanchonete do Espaço Solidário, onde se aperfeiçoou com cursos e ganhou confiança e tranquilidade. Seu sonho é ver os dois filhos formados e garantir uma vida feliz para o neto.

aprendendo e ensinando



Luzimeire Damasceno Cavalcanti

Meire tinha muitas ideias, mas ainda não sabia nem pregar um botão

Eu nasci em Lábrea, mas acabei indo morar em Manaus. Cheguei com 5 anos. Eu não tenho do que reclamar da minha infância... Sempre morei aqui nesse local, praticamente a minha vida toda. E meu pai, apesar de poucos recursos, sempre tentou dar pra gente o que podia. Aqui era um parque de diversões, porque nós tínhamos balanço, escorregador. Meu pai mesmo fazia pra gente. Éramos em três e tínhamos os coleguinhas ao redor. Ele fazia as panelas de latinha, frigideira, porque a gente queria fazer tudo de verdade, e não de brincadeira.

De Lábrea só me lembro que a gente ia pro barranco, que é a orla, via os barcos por ali, no rio Purus. Eu tenho ainda essas imagens, apesar de nunca mais ter voltado. Tive vontade, em alguma época, mas depois não tive mais. Quem sabe volto novamente...

Minha mãe fala que nós fomos bons filhos, então não foi muito turbulenta a nossa vida de adolescente. Eu sempre ia pra escola, vinha pra casa, ia pra igreja, ia pra casa dos primos, dos familiares, mas não gostava muito de festa, de balada, eu era um pouco mais calma.

Ecoturismo virou paixão

Quando saí da escola, não sabia qual curso tomar, que direção seguir. Na época eu trabalhava num escritório de advocacia e estava querendo entrar na faculdade. E as pessoas diziam: “O curso de Turismo é um curso novo, nós estamos na região amazônica, tem tudo a ver com turismo e é um curso que tende a expandir no mercado”. Foi por essa situação que eu realmente fiz o curso, na Faculdade Nilton Lins.

É um curso apaixonante, porque você descobre um pouco da história da sua cidade, da sua cultura, resgata um pouco isso. Eu me apaixonei pelo ecoturismo. Tive uma professora que pra mim é uma referência aqui até hoje; o nome dela é Arminda Mendonça. Eu até fico um pouco emocionada quando falo dela. E consegui resgatar algumas raízes dessa sementinha pra jogar aqui na Arte Nativa.

Meu primeiro emprego foi na *La Baguette*, um restaurante em que eu adorei trabalhar. Tenho boas recordações de lá. Aí depois eu fui pro escritório jurídico. Era uma lanchonete bem tradicional, você encontrava muitas pessoas importantes de Manaus. Foi lá que eu consegui fazer algumas amizades e, dentre essas amizades, encontrei dois trabalhos com pessoas muito legais que me deram oportunidade.

Eu só fiquei seis meses no primeiro escritório jurídico, mas foi fundamental pra minha vida de aprendizado. E depois fui pra outro escritório jurídico, que é de uma pessoa bem importante atualmente no nosso estado. De lá eu fiz a faculdade de Turismo e depois essa professora que eu falei entrou na Secretaria de Cultura e me puxou pra lá, me tirando do escritório.

Trabalhei como turismóloga, fui técnica de Turismo na Fundação Municipal de Cultura e Turismo. Lá a gente visitava as comunidades e desenvolvia alguns projetos também. Ia muito em comunidades, para ver se tinha potencial turístico nelas. E eu adorava fazer esse trabalho, que tinha tudo a ver com a minha graduação.

À mercê do governo

Eu fiquei cinco anos lá. Na época saiu o prefeito e, como éramos cargos comissionados, nós saímos e depois eu voltei, na administração do sucessor, mas logo depois saí. Foi aí que eu pensei em montar alguma coisa, algum negócio próprio. Porque eu imaginei assim: eu adorava fazer o meu serviço lá, mas se você não é concursado, você fica à mercê deles e a qualquer momento pode sair. Eu passei por essa situação e me senti muito frustrada. Depois o meu esposo saiu junto, a gente ficou meio que a ver navios. Foi então que pensamos em ter um empreendimento próprio.



Ele era restaurador na própria Fundação, foi lá que eu conheci ele. Quando nós saímos, imaginamos fazer algo para vender mesmo. Meu marido já pintava, então tudo partiu mais dele. Ele diz que é pintor, cantor, restaurador... é um monte de coisa. Então ele que me inspirou essa paixão pelo artesanato. Eu não sabia fazer nada com as mãos, não tinha essa habilidade.

Investindo em sacolas ecológicas

Na época, olhamos a questão do mercado, o que estava sendo discutido na televisão. E a gente viu que estava se falando muito na substituição das sacolas plásticas. E aí tivemos a ideia de fazer sacolas ecologicamente corretas, pegando o trabalho da juta e tentando também resgatar um pouco da valorização da cultura.

Nós formalizamos a empresa em 2010, mas começamos a atividade em 2008. A princípio a intenção era fazer sacolas pra supermercados, mercadinhos. Mas vimos que existia uma grande dificuldade, porque os supermercados não conseguem abrir mão das sacolas plásticas, até por motivo do custo mesmo, porque elas são muito mais em conta e muitas vezes vêm de outros países, como China, Bangladesh, Vietnã.

Ficamos um período vendendo as sacolas ecológicas na feira do CIGS (Centro de Instrução de Guerra na Selva), que tem parceria com a ADS (Agência de Desenvolvimento Sustentável do Estado), mas não era um número significativo. Alguns acham bonito,

**O QUE FALTA, TALVEZ, SEJAM
COMPRADORES. MAS A GENTE CONSEGUE
FAZER NO NOSSO PEQUENO ESPAÇO,
TEM CAPACIDADE PRA 2 MIL PRODUTOS.**



mas nem todas as pessoas têm essa consciência. A gente viu que não conseguiria muitos resultados, então partiu pra outra fase, de fazer sacolas pra eventos, como seminários, congressos, feiras.

Parcerias fundamentais

No início eu só tinha vontade de fazer, mas não sabia pregar um botão. Então minha sogra é que tinha algumas máquinas de costura e me ensinou os primeiros passos da costura. A gente começou a fazer algumas coisas na casa dela, depois ela me emprestou uma máquina, eu trouxe pra casa e começamos a nossa pequena confecçãozinha nessa sala.

O nosso primeiro cliente foi que fez a gente prosseguir. Acho que se a gente não tivesse esse cliente, teria tomado outro rumo. É a Bemol, uma loja de departamentos bem consolidada aqui em Manaus. Eles sempre compram as sacolinhas, pra colocar CD, DVD, livro.

Nós somos um grupo formado por três pessoas da família, mas quando temos uma demanda de produção, chamamos as vizinhas pra nos ajudar e no final pagamos todo mundo. Tudo melhorou depois que fomos conquistando parceiros. O Sebrae ajudou na formalização, e o Consulado da Mulher, na organização. Eu digo que se a gente não tivesse esses parceiros, talvez estivesse fazendo outra coisa, porque não é fácil montar um negócio praticamente do zero, com poucos recursos e sem essa ajuda. Outro parceiro muito importante hoje é o Banco do Brasil, que disponibiliza os *banners* e também compra os produtos. Com isso fazemos as bolsas, os *nécessaires*.

Na verdade, na escolha do nome, a gente queria um nome assim, que remetesse às coisas daqui mesmo, do Amazonas. Então começamos a imaginar vários, fizemos uma listinha e aí a gente viu o que soava melhor, que foi Arte Nativa. Da Amazônia foi só complemento. Queria um nome que pegasse, um nome forte que não se prendesse a um segmento, a um produto.

Hoje meu papel está mais na linha de frente, de tentar fazer a empresa se desenvolver, captar clientes e trazer pro grupo pra conseguir fazer os nossos trabalhos. Não tenho filho, então meu foco todo é na Arte Nativa; eu durmo e acordo pensando no nosso empreendimento. Então eu prezo muito essa questão dos pilares, da sustentabilidade, da valorização da cultura e da geração de emprego e renda pra comunidade.



Luzimeire Damasceno Cavalcanti, a Meire, nasceu em Lábrea, mas foi registrada em Manaus, em 26 de agosto de 1974. Seu pai, Airão Moraes Cavalcanti, era motorista naval e morava em Manaus, e em uma de suas viagens conheceu a mãe, Maria José Damasceno Cavalcanti. Meire estudou turismo, trabalhou na Secretaria Municipal de Turismo de Manaus investigando o potencial das comunidades em volta da cidade, mas sempre teve vontade de ter o próprio negócio. Hoje, ela e o marido são donos da Arte Nativa da Amazônia, produzindo bolsas e *nécessaires* com material reciclável.



Aos 60 anos, Nalvinha se formou ao lado dos jovens; tão jovem quanto eles

Eu tenho lembrança da minha primeira professora; ela era carinhosa demais. Até hoje, ela tá velhinha, mas quando ela encontra a gente, ainda faz um carinho. Mas só estudei até a quarta série e em 2005 resolvi participar de um programa pra ensino de adultos na Escola Agrícola. Achava difícil por causa dos trabalhos, mas era só sábado e domingo. Meu maior prazer foi eu ter ido buscar minhas notas na primeira escola que estudei. Cheguei lá e achei minha pastinha, que gosto!

Estudei três anos e concluí a oitava série. Aí eu disse: “Ah, eu já vim até aqui, vou continuar”. Fui pro colégio, em Juazeirinho, toda noite. Trabalhava, o ônibus passava aqui às seis e pouco, voltava às onze e tanto. Um menino, de gozação, me disse um dia: “Nalvinha, vó disse que não sabe pra que tu quer mais estudo”. Eu expliquei que tinha vontade de estudar porque tinha dificuldade em algumas coisas, mas ele nem sabia o que eu estava dizendo.

Aí fiz o supletivo, me formei em 2010. Tive uma formatura que nem de jovem! Pra mim a vida mudou muito, porque a gente nunca aprende tudo; mas antes eu ia numa reunião e pelejava pra entender umas palavras, mas depois que eu comecei a estudar, não aprendi tudo, mas desenvolvi até demais. Ficar velha, já perto dos 60 anos, e estudar, pra mim foi ótimo...

Marinalva Pereira da Silva, a Nalvinha, nasceu em Valente, Bahia, em 12 de fevereiro de 1953, filha de Laurinda Pereira da Silva e Catarino Pereira da Silva. Quando ela tinha 4 anos, o pai faleceu, e então Nalvinha foi criada pelos tios até os 13 anos. Quando moça, conheceu o esposo, que era de Conceição do Coité, para onde o casal se mudou. Na região, muita gente fazia beiju para vender nas feiras e Nalvinha viu nessa atividade uma forma de complementar sua renda. Ajudou a fundar uma associação em Conceição do Coité, e a partir daí um grupo principalmente formado por mulheres criou uma cooperativa para produzir a farinha de mandioca e seus derivados. Nalvinha sonha com o dia em que seus produtos terão uma marca e um código de barras, para serem vendidos nos supermercados.

Lea quis estudar Serviço Social para ajudar mais e mais pessoas

Casei, tive meus filhos e parei de estudar, porque nessa época a preferência era deles, né? Mas depois minha irmã, a Leila, falava que eu tinha que aprender a fazer alguma coisa, a ganhar um dinheiro meu. Comecei então a fazer os cursos de artesanato; ela ajeitava, e eu fui aperfeiçoando. Aí fui chamada para o Consulado da Mulher e assim surgiu a Lá e Lê – Lá de Laciete, o primeiro nome da minha irmã, e Lê de Lea.

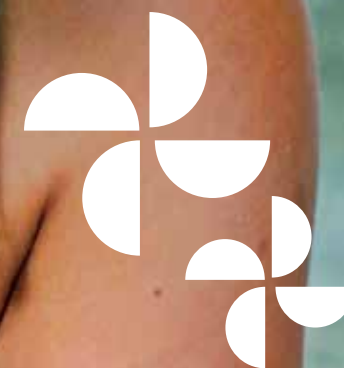
Resolvi retornar aos estudos, mas foi difícil, porque eu não ligava muito pra escola antes e penei nos dois primeiros períodos da faculdade. As meninas eram mais jovens, pegavam os assuntos no ar, e eu sentia muita dificuldade. Mas depois eu me adaptei direitinho.

Escolhi Serviço Social porque na época eu viajava com os empreendimentos, levava o pessoal pra mostrar seu trabalho em outros lugares, e foi uma forma de contribuir mais, de mostrar que os artesãos têm um direito de fato. Eu pensava em ser professora, mas achei que assistente social era melhor, porque você vê a realidade acontecendo.

Hoje até o meu pensamento mudou, não sou mais a mesma. A gente chega na comunidade, fala muito de autoestima. Muitas mulheres acham que a vida acabou, mas a gente chega lá e mostra que não é assim. É possível ter autonomia, caminhar com as próprias pernas.



Lea Nila da Silva Muniz, filha de Nilo Ferreira Muniz e Maria Lindalva da Silva Muniz, nasceu em Manaus, em 17 de agosto de 1971. Quando trabalhava em uma fábrica, ficou muito amiga de um colega, que ia ser padrinho de sua filha. Um ano depois, seu casamento tinha acabado e também o noivado do colega. Resolveram então ficar juntos e estão casados há 22 anos. A filha mais velha, Patrícia, foi criada pela irmã de Lea, mas ela teve João Paulo e Junior, hoje com 21 e 20 anos. Ambos se preparam para entrar na faculdade: João Paulo quer ser professor de história, e Junior, pedagogo. Desde 2004, trabalha com artesanato.





pé na estrada



Juraci Maria da Silva

Dona Jura viajou muito até chegar a Heliópolis

Meus pais eram agricultores; eram pessoas interessantes. Meu pai era bem pacífico. Ele tinha escolaridade, contava muita história pra gente. Minha mãe era aquela pessoa determinada, decidida. Eu aproveitei um pouco de cada um, porque tem um momento em que a gente precisa ser pacífico, precisa escutar, coisa que minha mãe não fazia. Mas também sempre fui de correr atrás.

Eu sou a mais velha de 12 irmãos e até meus 17 anos eu era analfabeta. A gente se criou em um lugar que não tinha escola. Aí veio o Mobral, só que as crianças não podiam estudar lá; mas sempre fui de participar das coisas. Acabou que eu comecei a aprender pela Carta do ABC. Sempre digo que não brinquei de boneca, porque tinha que cuidar dos meus irmãos. E sempre tive mais as tarefas de rua. Meus pais não tinham dinheiro, mas me deixaram uma herança muito interessante, que é saber como buscar as coisas.

Enxoval para estudar

Morei no interior de Pernambuco, em Fonte Nova, até os 18 anos. Aí fui pro Recife e fiquei quase dois anos. Eu sempre quis estudar, então um dia convenci minha mãe. Ela não queria, porque dizia que eu era a cabeça da casa. O engraçado é que hoje eu tenho um neto, e quando ele tem um espaço, ele foge da gente, sabe? Aí as meninas falam: “Se eu fosse você, dava uma surra”. Mas aí eu lembro que quando as pessoas não me deixavam fazer alguma coisa, eu fazia mesmo sabendo que ia ter que arcar com as consequências.

E foi assim que um dia fui pro Recife, escondida. Peguei um irmão, que eu sempre levava alguém comigo, e falei que ia pra Lagoa do Itaengá, onde moravam meus tios. Mas peguei o ônibus e passei direto, fui pra São Lourenço da Mata, onde minha tia morava, uma cidade perto do Recife.

Combinei tudo com ela, que eu ia em fevereiro do outro ano pra começar a estudar. Fiquei seis meses planejando, organizando as coisas, parecendo mulher quando vai ganhar neném. Não tem que fazer todo o enxoval? Assim foi. Tinha hora que minha mãe estranhava, mas eu não podia contar antes, se não ela ia ficar falando o tempo inteiro que eu ia largar ela.

Fugindo da violência

Nesse meio tempo, minha mãe sofreu uma agressão muito séria. Tinha muita briga de vizinho por causa de terra, de animal que estragava a lavoura do outro. Minha mãe levou 42 cortes de foice. Ela viveu quase 20 anos depois disso, mas perdeu o movimento de um braço. Aí, sem ela trabalhar, não dava pros meus irmãos ficarem lá. Foi quando a gente vendeu as terras. A gente plantava mandioca, milho, feijão, banana e algodão, que era o que dava pra guardar dinheiro. Em Recife eu tava me arrumando, não ganhava muito, mas quando eles foram pra lá eu tive que ir embora.

A gente também ficou com medo, porque saiu uma reportagem e o pessoal começou a comentar que iam vir pra matar a família. O cara era capanga de um fazendeiro, então eles tinham carta-branca pra fazer o que tinham vontade. Isso aconteceu em 1978 e em 1979 meus pais e meus irmãos foram pra Charneca, perto de Cabo de Santo Agostinho, e eu vim pra São Paulo.

Como minha tia morava em São Lourenço, ficava muito longe pra eu estudar no Recife, então eu passava a semana na casa de uma prima lá no Pina, em Boa Viagem. Ela veio pra São Paulo e começou a me convidar. Então eu combinei com o meu irmão de eu vir na frente e ele vir depois.

Se eu não tivesse saído de lá determinada, eu teria voltado no outro dia. Cheguei em 26 de janeiro de 1979 e a Dutra estava dando enchente. Nunca tinha visto tanta água na minha frente. A menina que tinha ido me esperar foi embora, porque atrasou tudo, e



Aniversário de
22 anos em Vila
São José, março
de 1981.

eu amanheci na rodoviária. De manhã foi que ela voltou. Eu nunca fui de ter medo das coisas, mas aquela angústia, o frio... Você vem despreparado, não tem agasalho, não tem dinheiro suficiente.

Fui morar em São Caetano do Sul e meu primeiro emprego foi numa cerâmica. Depois eu entrei em metalúrgica. Lá pagava mais ainda, a gente tinha mais benefícios. Meus outros irmãos foram vindo e eu trabalhei cinco anos nessa metalúrgica e mais nove anos em outra. Só saí quando o Collor entrou, porque quase todas as empresas fecharam.

Foi trabalhando em metalúrgica que conheci o pai dos meus filhos. Ele era meu chefe e tinha outra família, numa cidade perto da minha, em Pernambuco, mas não era uma relação conjugal. Quando eu engravidei, morávamos eu e dois irmãos. Eu pagava aluguel, água e luz; o que sobrava não dava nem pra fazer uma despesa pra quinzena. Como ia ser quando eu estivesse com a criança?

Ocupação em Heliópolis

Eu surtei; mas uma amiga tinha vindo morar em Heliópolis e o namorado dela disse que arrumava um terreno pra eu construir, era só ocupar; mas a gente não tinha dinheiro pra comprar o material. Meu irmão não quis vir, ele disse: “Tu tem noção do que é favela?”. Aí eu falei assim: “Quando a gente não sabe, é uma oportunidade de conhecer”.

**ATÉ HOJE FALO PRAS MENINAS:
NO MEU VOCABULÁRIO NÃO
TEM A PALAVRA MEDO, PORQUE
A GENTE JÁ PASSOU POR TANTA
COISA QUE ACABA CICATRIZANDO.**



A PRIMEIRA VEZ QUE EU VI O MAR EU TIVE ESSA SENSAÇÃO DE INFINITO, UMA SENSAÇÃO DE PAZ. POR QUE SERÁ QUE AS PESSOAS NÃO ACREDITAM EM DEUS?

No fim, acabamos comprando o barraco de um amigo de um amigo que ia embora pro Nordeste. Tava meio acabadinho, mas aí meu companheiro fez um empréstimo, meu irmão ajudou e a gente ficou com o barraco; depois fizemos de bloco. Veio então o Alexandre, que nasceu em 1984, e depois o Adilson, em 1986. No mesmo ano veio o Ailton e aí falei: agora chega, tá na hora de eu me cuidar.

Moramos juntos 26 anos, mas tem uns quatro que ele decidiu que não dava pra continuar. Ele é muito família, ele e meus filhos. Não são de receber. Nosso principal problema era esse, de eu estar acompanhando movimento, trazendo gente pra casa.

Quando eu saí da metalúrgica, em 1990, tive que trabalhar em casa de família, comecei a vender Avon, Natura, *lingerie*. Daí trabalhei como ajudante, limpando os ônibus da Expresso Brasileiro. Trabalhei lá por dez anos à noite, e foi onde engravidei da minha filha, a Andreíze, que hoje está com 20 anos e faz faculdade de Ciências Contábeis. Os meninos fizeram Ensino Médio, curso técnico, graças a Deus. Sempre trabalhei um período registrada e, no resto do tempo, como empreendedora.

Sou praticamente fundadora de Heliópolis e lá a gente teve muitas atividades. Nossa primeira busca foi por habitação. Depois tivemos que ir atrás de escola, de água, de luz. Começamos com o que virou a UNAS (União de Núcleos, Associações e Sociedades dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco), que hoje é referência, e depois eu fiquei no Movimento Social de Heliópolis.

O sonho de ser multiplicadora

Aqui nesse galpão, vinha uma assistente social que fazia um trabalho socioeducativo. A gente decidia: esta semana vai ter encaminhamento pro advogado, na outra era pra posto de saúde. Eu comprava pão, bolacha, mas não dava muito. E eu pensava: se a gente soubesse fazer, vinha mais cedo e fazia um pão, fazia um bolo. Isso me despertou o interesse de um projeto de gastronomia.

Fiquei sabendo que o CEAT (Centro de Atendimento ao Trabalhador) tinha um projeto assim, com uma verba do Governo Federal. Foi quando eu conheci o projeto do Consulado da Mulher. Aí falei com a Teresa, e ela veio aqui. A gente só tinha um fogão; foi o



Aniversário de 5 anos da filha Andreíze, comemorado com os irmãos em Heliópolis, 1999.

começo da Ambrosia. Ela perguntou se eu conseguiria fazer a mobilização, porque tinha que ter no mínimo 40 inscritos, e eu falei: faço! Isso foi em 2009; aí começamos um curso de gastronomia.

Agora já estou aposentada e tenho a Ambrosia Lanchonete e Restaurante. Começou com alguns eventos e a gente também fornece alimento pras crianças da Mater et Magistra, uma escola particular de japoneses. É um presente. Uma demanda média de 150, 160 refeições por dia. E tem também os lanches da tarde, que a gente oferece pras duas unidades.

A nossa empresa funciona com sócias e todas têm o mesmo direito e o mesmo dever. A Ambrosia hoje é uma empresa, é a primeira empresa – tenho até o prazer, a humildade de falar – que surgiu dentro da rede. Acho que agora já são 11 grupos.

Além disso, tem a rede, que funciona pelo sistema de Economia Solidária. É assim: pegamos um evento, aí vão todos os grupos. Cada um faz o que sabe, então é uma atividade onde tem espaço pra todo mundo – da contabilidade até limpar o chão. A gente tá até aprendendo agora a lançar as coisas na planilha e dessa vez acho que meu cabelo vai ficar todo branco!

Eu fico muito satisfeita com tudo isso, porque imaginei que, quando eu estivesse aposentada, queria estar fazendo aquilo que eu gosto de fazer. E consegui! Meu planejamento é ser multiplicadora. Eu pretendo levar meu conhecimento para outras pessoas, para outras regiões. A gente não pode ter as coisas só pra nós. Você tem que deixar para os outros.



Juraci Maria da Silva, ou Dona Jura, nasceu em Lagoa do Itaengá, Pernambuco, em 10 de março de 1959. Sempre disposta a aprender, convenceu a mãe a deixá-la estudar no Recife e depois foi para São Paulo para ajudar a sustentar os irmãos. Tornou-se líder comunitária em Heliópolis, foi metalúrgica e hoje está à frente da Ambrosia Lanchonete e Restaurante, empresa que fornece alimentação para escolas e eventos.

Lucia mudou com a família para Rio Claro e salvou o filho mais velho das drogas



Tive de pedir as contas do restaurante, porque meu filho caiu no mundão das drogas. Eu falei: “O jeito é ir embora, pra tentar tirar ele do meio dos amigos”. Ele não trabalhava mais, só naquela vida terrível, eu estava vendo que ele estava morrendo, estava couro e osso, só orelha, de tão magro. Daí eu vim passar umas férias na casa do meu pai aqui em Rio Claro e pensei: “Acho que o jeito é criar asa e voar”.

Peguei meu marido, meu filho mais velho e o mais novo praticamente com a roupa do corpo. Minha filha e minha netinha ficaram lá na casa. Foi uma judiação, mas eu tive que largar tudo pra salvar o meu filho.

Quando ele chegou aqui, dormiu uns três dias, mal, com o efeito das drogas. Graças a Deus, conseguiu se recuperar, criou força, começou a trabalhar. Primeiro numa firma de estofado; depois comprou uma motinho e então entregou um currículo na Tigre, e hoje ele está lá e já é líder. Nem parece aquele mais.

No começo, o outro é que não gostou. “Meu Deus, vim salvar um, agora o outro vai ficar revoltado”, pensei. Porque ele sentia muita falta da minha menina, dos amigos. Mas ele tá superando bem. Agora os dois estão fazendo cursinho para a faculdade. A netinha ainda sente falta, mas graças a Deus estão todos bem.

Maria Lucia de Sousa dos Santos nasceu em São Tomé, Paraná, em 2 de abril de 1964. Mais velha de quatro irmãos, desde pequena ia para a roça com os pais. Conheceu o marido na casa de um tio, era um homem mais velho, e o pai deu seis meses para que se casassem. Foram então morar em Paranavaí, onde Lucia trabalhava como doméstica, depois como faxineira de uma academia e então em um restaurante. Com a mudança para Rio Claro, conseguiu um emprego como merendeira em uma escola. Depois trabalhou no restaurante Rei do Cupim, onde ainda complementa a renda aos fins de semana. Durante a semana, trabalha na lanchonete do Espaço Solidário. Para ela, atuar em seu próprio negócio hoje é uma responsabilidade muito grande e também um grande estímulo para crescer.

Cleide saiu da Bahia e encontrou seu lugar em Santa Catarina



Meu pai ficou muito doente, ele teve infarto ainda em Irecê. Tínhamos muitos parentes em São Paulo, então mudamos. Foi de um dia para o outro; eu nem perguntei para o meu marido se ele queria me acompanhar. Quando ele viu que era sério, resolveu se juntar a mim e fomos embora. A gente não tinha intenção de ficar, mas a situação do meu pai era complicada. Aí o meu marido arrumou emprego e fomos ficando.

Para nós, que nascemos no interior, é estranho quando os filhos estão crescendo e a própria escola, as amizades, às vezes corrompem. Aí, apesar das dificuldades de se morar no interior do Nordeste, a gente queria arriscar e voltar. Minha mãe morava na periferia, em Diadema, e lá eu fiz amizade com uma pessoa que sugeriu de a gente conhecer Joinville. Vim um fim de semana, o cunhado dela já tinha até alugado uma casa pra mim. A gente tinha umas economias, resolveu arriscar. Porque Joinville é uma mistura de cidade grande com interior.

Claro que não é tudo às mil maravilhas; encontrei muitas barreiras. Às vezes as pessoas não te aceitam bem quando não te conhecem. Ainda mais que moro num estado onde sou minoria. Sou mulher, sou negra e nordestina. Eu tive muita dificuldade nessa parte, mas soube esperar e mostrar quem eu sou. O tempo se encarrega dessas coisas.

Cleide Barbosa dos Santos Dará nasceu em Lagoa Grande, município de Irecê, na Bahia, em 26 de abril de 1970, filha de Adedina Gama dos Santos e Zeferino Barbosa dos Santos. Aprendeu a costurar com a mãe e também na Fundação Bradesco, onde estudou até o fim do ensino médio. Antes de se casar, Cleide fazia enxovais e roupas para vender. Morou no ABC Paulista e depois se mudou para Joinville, onde começou a criar uma linha de bolsas. Hoje cursa graduação em Design, sempre pensando em aprimorar seu negócio.



em transformação



Expedita Saldanha dos Santos

A vida de Expedita muda quando ela chega ao trabalho

Meu pai tirava o leite das vacas na fazenda, amansava cavalo. A gente era meeiro, somos dez irmãos. E eu também comecei muito cedo a trabalhar na lavoura. Depois meu pai enjoou de ser vaqueiro e foi procurar indústria. Ele apelou pra ser trabalhador, ter direito em carteira. Foi trabalhar construindo estrada para a Queiroz Galvão.

Mas minha mãe era muito estudada, uma mulher muito sábia, gostava muito de fazer novena. O que eu aprendi muito com ela foi na parte de culinária. Ela fazia as comidas com o maior prazer. Fazia um arroz bem-feito, um feijão, uma salada. Uns doces caseiros muito bem-feitos, era caprichosa.

Quando minha mãe adoeceu, fui morar com a minha avó; voltei já grande. Como minha avó era da roça, não teve estudo, mas ensinava muito bem. Ela falava: “Olha, minha filha, nunca pegue o que é dos outros, que isso é roubar”.

A tampa da panela

Depois de adulta eu fiquei noiva de um primo, só que eu não gostava dele. Um dia, eu estava na casa da minha avó, e meu marido ia saindo da casa vizinha. Eu olhei e falei: “Hum, achei minha tampa”. Ele entrou na casa da irmã dele e ficou de olho também, trocamos olhares. À noite eu fui lá, ele já estava me esperando, pois ele viu quando eu estava de saída. Não voltei mais pra casa da minha mãe, só mandei recado dizendo que eu não ia mais morar com ela.

O noivo soube, procurou, procurou, não me achou... Quando veio me achar eu já estava casada com o Antonio. Tivemos seis filhos, estamos juntos até hoje. São duas filhas e quatro filhos.

Ficamos ainda uns três anos no Ceará, mas começou a ficar difícil, porque a terra que ele tinha era da avó e eram muitos herdeiros. Pra dividir a herança, venderam as terras. O pouco que tocou pra ele só deu pra comprar uma casa na cidade, então ele ficou muito desgostoso e veio pra Araras.

Primeiro veio Antonio, arrumou trabalho, arrumou casa pra morar. Depois de um ano foi que eu vim com nossos três filhos. Araras foi indicada porque já tinha parente morando e trabalhando lá. Antonio cortava cana pra um fornecedor e eu ficava em casa. No sítio a gente plantava arroz, feijão, milho e algodão pra nós mesmos.

Eu já morava há sete anos num bairro, estava na cidade, quando apareceu a oportunidade de fazer reunião no Sindicato dos Trabalhadores de Araras, para quem queria um pedaço de terra. Disseram que tinha horto desocupado pra fazer reforma agrária. Aí fui participando das reuniões, das conversas, fui gostando.

Movidos pelo sonho da terra

Um vizinho da gente já tinha um assentamento, inclusive eu fui convidada pra ir pra lá e não quis, porque tinha muito medo, o povo falava que tinha muita morte. Mas meu marido tinha o sonho da terra, aí ele disse: “Essa é a hora de a gente ir”.

No começo nós fizemos 16 mudanças de barraco. Fomos para uma beira de pista, ficamos uns cinco, seis meses. Era difícil, a gente ficou na luta nove meses. Mas era uma liderança que já estava acostumada a fazer ocupação e tinha dado certo. Então era sofrido, mas nós estávamos na certeza de que íamos pegar a terra. Eu já tinha jogado tudo pro alto, emprego, casa, tudo.

Aí a gente começou a pesquisar na internet e achou o horto. Viemos ver, com uma varinha de pescar, fingindo. Quando chegamos com as pessoas aqui, o grupo tinha rachado e um pessoal veio separado. Eu achei uma bela covardia. Eles se juntaram, umas 20 famílias, dizendo que nós não cabíamos. Eu fiquei indignada, porque nós estávamos comendo tudo na mesma panela, passando o mesmo frio. Mas a gente se uniu e, se você for ver, hoje só sobrou um desse grupo. Na época, a gente fez uma frase assim: Vamos ser fortes, ocupar e resistir, nunca desistir.

Bem pertinho do nosso sítio tinha um lixão. No começo a gente achava bom, porque a terra não dava muita renda, então a gente catava garrafa PET, fazia reciclagem. Só que tinha mau cheiro. Depois a gente começou a ver que ia prejudicar o ambiente, que tinha uma mina d’água. Fizemos uma comissão e fomos pra São Paulo pedir a retirada do lixão.

Foi muita luta, muita reunião, muito debate, tivemos que mexer com a Cetesb. A gente foi vendo que aquilo ali não fazia bem, mas o prefeito falava que a gente não ia conseguir. Ele queria que fôssemos embora, porque estava de olho na terra pra fazer chácaras, vender pra quem tinha dinheiro.

Falta só comprador

No começo não tinha quem comprasse a nossa produção; então fizemos protesto, distribuimos alimento de graça na Praça da Sé. A gente queria mostrar que os agricultores trabalhavam. Aí veio o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), do Governo Federal, pra ajudar as famílias carentes. A gente leva os alimentos até o Banco de Alimentos, em Rio Claro, deixa lá, e de lá eles fazem a distribuição. Eles compram pra distribuir pras famílias carentes e pra merenda escolar.

Aí a gente já fazia a mandioca *chips*, a banana *chips* e vendia em feirinhas. A vereadora Fátima Marina Celin, que sempre apoia a gente, esteve em Rio Claro, na lanchonete da Whirlpool, e viu o projeto social que apoiava as mulheres. Foi assim que começamos o Restaurante Rural Recanto das Palmeiras Ltda.

QUANDO CHEGUEI EM
ARARAS, MINHA IMPRESSÃO
ERA DE MUITO MEDO,
PORQUE EU NÃO TINHA
PARENTE POR PERTO.



Eram dez mulheres, todas do assentamento. Foram seis meses de reuniões com o Consulado da Mulher. Nas reuniões a gente fazia planilha de custo, preço, lucro, perda.

A educadora falou assim: “Pela insistência de vocês, pelo acompanhamento das reuniões, eu tenho certeza de que é isso mesmo que vocês querem”.

A gente mostrou o espaço, disse que queria fazer comida, queria servir o povo, mas precisava reformar. E saiu o dinheiro, veio em mãos. Eu tive que organizar todas as compras, eu e meu marido.

Eu, a dona Aparecida e a Valdomira insistimos e estamos desde o começo. A minha filha Aparecida estava, saiu e voltou de novo. Depois veio minha nora, minha filha também trabalhou como voluntária um tempo e agora estamos em cinco.

Canseira não tem lugar

Tem horas que eu fico pensando: “Mas será que isso tá acontecendo?”. Porque a gente começa uma coisa em que não tem experiência. Você quer, você sonha, mas não tem experiência de viver aquilo, que é ser um empreendedor. É difícil, mas é bom, cada dia tem uma surpresa. Porque tem tanta coisa que você nem imaginava! Tem documentação, tem lei. Mas todas são donas, então a gente conversa: “Isso não tá bom, vamos melhorar isso, onde é que estamos errando?”.

A parte financeira por enquanto não mudou. O que mudou é o prazer de descer todos os dias e pensar no que eu vou fazer amanhã. Hoje, com 51 anos, eu consegui realizar meu sonho, então eu luto com todas as forças. Eu não tenho canseira, eu não tenho dor na perna. Quando chego aqui, minha vida se transforma. De coração mesmo, eu amo esse espacinho, que foi o primeiro espaço que nos acolheu quando viemos pro assentamento.

Por isso, agora meu maior sonho é nunca desistir disso aqui. Por mais luta que eu passe, meu Deus, eu peço força pra nunca desistir. Porque eu queria isso, eu vesti essa camisa; então esse é um lugar onde ficar até velhinha, até caduca, se for possível. Eu amo meus filhos, meu marido, a minha casa, mas a minha vida, um pedaço de mim está nesse lugar.



Expedita Saldanha dos Santos é natural de Missão Velha, no Ceará, e nasceu em 1º de fevereiro de 1963. Casada com Antonio, tem seis filhos. Seu marido tinha o sonho de ter a própria terra, pois sempre foi agricultor e, por uma questão de herança, perdeu o que tinha. Mudaram-se então para Araras, onde se integraram a um movimento de reforma agrária e conseguiram o terreno onde vivem da terra até hoje. Inspirada nas receitas da mãe, Expedita hoje é uma das donas do Restaurante Rural Recanto das Palmeiras, no próprio assentamento.



Graça, com seus sorvetes, refresca a vida de quem passa

Teve uma inauguração ali na fábrica e a Daniele trouxe as amostras de sorvete. Nós provamos e achamos gostoso. Depois ela chegou pra nós e perguntou se daria certo se nós montássemos uma cooperativa de mulheres. E deu, porque tem muita mulher aqui que não trabalha fora e quer ter seu dinheirinho. Porque esse negócio de estar pedindo dinheiro de marido não é bom... Aí começamos. Hoje em dia somos dez, mas nem todas trabalham o tempo todo.

Para fazer o sorvete, nós colocamos a polpa de fruta, o leite, o creme, açúcar e aí batemos. Fizemos muitos cursos, sobre alimentação, higiene, tudinho. Já começamos com vários sabores, porque tem época que tem muita fruta e todas as frutas que dá pra gente fazer o sorvete, a gente faz. As pessoas daqui da comunidade compram muito. A gente coloca na caixa, vai pra balsa, ou vai no campo, quanto tá tendo futebol, e a gente vende bastante.

Pra mim esse empreendimento foi ótimo, melhorou a vida da gente, porque tem aquele rendimentozinho que ajuda. Mas eu não tenho vergonha de sair com o carro vendendo fruta, vendendo sorvete. Eu reboło mesmo. Eu quero é ter dinheiro. Tem rico que tem vergonha de vender, eu não tenho, não.



Maria das Graças de Araújo Ximenes, também conhecida como Loura, nasceu em Eirunepé, em 11 de junho de 1952, filha de Francisco Rosa Ximenes de Araújo e Maria José Ximenes. Seu pai era seringueiro, mas depois começou a plantar e beneficiar juta. Até os 9 anos Graça também trabalhou na roça, mas quando o pai morreu foi morar com os avós. Aos 19 anos, uma tia levou-a para Manaus e lá ela se estabeleceu. Começou a trabalhar em restaurantes, chegou a ter um bar, e hoje faz parte do grupo que toca a sorveteria Sabores do Tarumã, no bairro Nossa Senhora de Fátima, em Manaus.

Com a palha, Jeronice tece seu amanhã



O artesanato não deu muito certo em grupo; mas depois veio a doação e a gente começou a trabalhar fazendo polpa, aí melhorou a nossa vida. Eu sabia fazer as coisas, que aprendi com minha mãe, mas não queria. Um dia veio a Marília Lobo, uma assistente social, com um bocado de artesanato pra fazer, e eu nem quis olhar. Ela deixou um saco cheio de bolsas e disse: “Isso aqui dá dinheiro”. Eu nem abri o saco. Mas quando chegou à noite um bocado de bolsa apareceu na minha mente; eu sonhei. Aí no outro dia eu levantei cedo, peguei a tesoura e comecei a cortar as bolsas das esteiras de palha.

Quando a gente tava bem sabido de tudo, a gente ia vender numa feira. Depois veio o Arco Sertão, que é parceiro do Consulado da Mulher. Eu tinha vergonha de vender, porque tem que ter jogo de cintura, conversar bonito. Só que eu não saía de casa, eu tinha uma vergonha terrível. Mas com o Arco Sertão a gente foi pra Salvador, pra Feira de Santana. E eu mudei pra melhor, mudei o meu jeito de me expressar.

Porque a gente tem que ter força de vontade, falar firme. Muitos não gostam porque eu não sou muito de falar, mas quando eu falo, eu falo bravo mesmo. E mando desmanchar e fazer de novo, porque se não desmanchar não aprende. Muitas saíram, mas eu tô aqui nessa luta. Da palha eu não desisto.

Jeronice Luciano dos Santos Argeri nasceu na Fazenda Urubu, onde hoje é o Povoado Vila Nova, em Biritinga, Bahia, um território quilombola. Filha de Olegário Luciano dos Santos e de Maria dos Reis Luciano dos Santos, nasceu em 30 de março de 1966. Ela e seus sete irmãos ajudavam os pais na roça, raspando mandioca, plantando e colhendo feijão e fumo. Com 14 anos, começou a cortar sisal em uma empresa, mas o trabalho era pesado e perigoso, então ela decidiu ir para Salvador, onde por pouco tempo trabalhou como doméstica. Depois de casada, voltou para sua região natal. Hoje ela trabalha sozinha com artesanato de palha e seu empreendimento se chama Tecer do Amanhã. Participa também de um grupo que produz polpa de frutas e sequilhos.

Depois de perder tudo, Carmelita se refez com uma antiga receita da mãe

Estava tudo muito bem, tinha meu filho, meu marido tinha uma empresa de transporte. Mas de um dia para o outro ele perdeu tudo e a gente ficou sem chão. Aí, como minha mãe já fazia esses biscoitos caseiros, biscoito de melado, eu fui lá. No final do ano, que ficava mais apurado, eu ajudei, mas falei pra minha mãe: “Quer saber? Acho que eu vou começar a fazer biscoito”. Só que ela não colocou muita fé em mim. Mas em janeiro eu peguei o último dinheiro e comprei o forno, à vistinha, pra não me endividar muito. Foi bem difícil; no começo eu nem conseguia acender o forno. Mas meu pai e minha mãe ajudaram, aí eu fazia e meu marido ia vender.

Eu já estava fazendo há uns três anos e uma cliente minha era voluntária no Consulado e me apresentou. Eles estavam precisando de alguém no Espaço Solidário e eu passei. A gente fazia os cursos, uma coisa que me realizou bastante. Porque, querendo ou não, tem coisas que acabam te desmotivando. Eu não tinha peito pra vender, eu achava que era inferior às outras pessoas.

Hoje faz dois anos que estou tocando o meu empreendimento, digamos assim, sozinha. Claro que de vez em quando a gente dá uma ligadinha para o Consulado, eles dão um toquezinho nisso ou naquilo, mas desmamei. Tem uma hora que você tem que crescer.



Carmelita Krause Rosa nasceu em 22 de dezembro de 1971, em Joinville, filha de Antido Krause e Luana Otto Krause, brasileiros de origem alemã. Seu pai, hoje falecido, era electricista, e a mãe trabalhou em uma confecção de roupas, mas há mais de 30 anos faz biscoitos caseiros. Carmelita aperfeiçoou a receita e o processo da mãe e montou a Doces Sonhos Biscoitos Caseiros, que toca sozinha, em sua própria casa. Hoje ela faz vários tipos de biscoitos, doces e salgados. Seu sonho agora é conseguir legalizar o negócio e cada vez atender melhor seus clientes.



mãos à obra!



Maria José Souza de Jesus

“Maria, vamos fazer hora extra?” Eu digo: “Vamos!”

Quando eu comecei, lá dos meus 7 anos em diante, a gente trabalhava na roça e plantava fumo também. Era um dinheiro extra que entrava pros meus pais, que tinham o gadiño deles e também plantavam batata, aipim. Sou a do meio, mas meu irmão era muito preguiçoso, não queria saber de trabalhar, só queria estudar. Aí eu trabalhava e estudava.

Depois, com 11 anos, eu passei a trabalhar numa olaria. Eu fazia de tudo – botava barro na maromba, cortava, colocava no carrinho e levava para as prateleiras. A minha mana também nunca trabalhou na roça. Mas, com uns 14 anos, ela também começou a trabalhar na cerâmica. Quando eu fiz 14 anos peguei registro numa sapataria. Comigo não tinha tempo ruim, porque a gente sabia que precisava.

Meu pai era um homem trabalhador, mas deu muito trabalho pra gente, porque bebia muito. Minha mana era pequena e se assustava, porque ele pegava corda, tentava se enforcar. Eu, meu mano e a mãe íamos lá tirar ele. Até que um dia ele resolveu entrar no AA e deixou de beber. Hoje acho que faz 35 anos que não bebe.

Minha mãe saía para trabalhar e a gente ajudava no serviço de casa. Ela sempre apoiava a gente, mas também bebia, deu muito problema. Quando eu fiz 17, 18 anos, eu me desentendi um pouco com ela. Aí o meu mano já estava aqui em Joinville e disse: “Tu quer ir pra Joinville? Eu arrumo um lugar pra tu morar e um serviço”.

A família do meu pai morava aqui, tinha bastante tio. Mas os primeiros meses foram difíceis, até arrumar serviço, tudo. Depois se tornou mais fácil. Eu trabalhei seis anos na Fiação Joinvillense, que fazia fio pra malharias. Aí minha tia me convidou pra vir morar com ela. Foi ali que eu conheci meu esposo.

De segunda a segunda

Quando eu vim pra Joinville, eu trabalhava de segunda a segunda. Porque eu não tinha muita amizade e queria adquirir alguma coisa pra mim; eu não queria morar de pensão, queria comprar um terreno e ir morar sozinha. Só que nesse meio tempo eu conheci o meu esposo, e ele dizia: “Ah, Maria, vamos fazer hora extra?”. Eu dizia: “Vamos”. Eu vivia mais lá dentro da firma do que em casa.

Acho que com uns três meses de namoro a gente abriu uma conta no banco, conjunta, e juntava todo mês um troquinho. Depois demos entrada num terreno também. Com um ano de namoro nós já tínhamos um terreno, já tínhamos uma meia-água de madeira aqui.

Eu trabalhei seis anos na fiação, depois saí. Acho que fiquei uns quatro anos parada e depois voltei a trabalhar em fiação, que já era a Campeã. Quando eu ganhei meu segundo filho, eu não achei creche e não achei ninguém também pra deixar, então eu tive que pedir a conta.

Meu marido trabalhou em várias empresas e ficou 16 anos em uma fábrica de ônibus, a Busscar, até falir. Então ele trabalhou quase três anos comigo, mas como faltavam só três meses pra completar o tempo de ele se aposentar, eu falei pra ele voltar a arrumar um emprego.

Pode deixar que eu faço

Tudo começou porque o meu menino frequentava a Ecos da Esperança, fazia aula de violão, e eles convidaram as mães pra participar do artesanato. De tanto ele insistir, eu fui. Aí eu gostei de pintar. Eles vendiam as peças de madeira, mas achei caro, então disse assim: “Posso levar uma caixinha de chá, uma cestinha pra ver se eu consigo fazer?”. Ela falou assim: “Mas tu tem a madeira?”. Eu digo: “Tem uma marcenaria aqui perto de casa, o Alessandro pega retalho lá”, porque meu filho pegava pra inventar os brinquedos dele.

Então eu e ele, com uma serrinha dessas de serrar ferro, tiramos o desenho e cortamos. Aí minha mana trabalha com sapataria, eu fui lá, trouxe cola, colei. Levei pra Dora e ela falou assim: “Ah, Maria, mas não foi tu que fez isso aqui”. Eu digo: “Foi, Dora”. “Ah, então



Empreendimento
Maria Arte Madeira,
em Joinville, 2014.

eu quero ir lá ver.” Aí ela veio aqui, a gente já tinha cortado um monte. E ela foi encomendando. No começo meu marido reclamou bastante, dizia que não dava dinheiro. Depois ele arrumou um emprego e, quando viu que começou a dar lucro, me comprou uma serra tico-tico.

No começo a gente usava os retalhos da marcenaria, que o Alessandro tinha começado a trabalhar lá. Depois a Vanesca, da Ecos, conseguiu um curso de eletromecânica pra ele no Senai. Quando acabou o estudo do aprendiz, ele foi fazer o técnico. Ele ficou uns dois anos e meio numa oficina de caminhão, onde meu esposo também trabalha. Nesse meio-tempo, o diretor do Senai chamou ele pra ser professor. Aí ele saiu da oficina e de manhã faz faculdade de Direito e à tarde e à noite dá aula no Senai. Tá com 20 anos.

O outro é o Alison, que tem 12. Ele me ajuda em casa, faz os brinquedos, cola as fitinhas, pinta vidro, monta palhacinho. Mas quando eu vou às feiras aos sábados ele não vai, porque ele ganhou uma bolsa no Bom Jesus, de 100%. É um colégio particular aqui de Joinville. Ele estudava no Estado, mas como ele nunca teve inglês, e lá tem, ele tá apanhando. Então no sábado ele tem aula de reforço na escola. A menina do Resgate, a ONG que arrumou a bolsa pra ele, dizia: “Maria, pensei que teu filho não fosse acompanhar”. Mas é só 8,5, 9, 10.

Foram duas as diferenças da minha vida: a primeira foi a Ecos da Esperança, onde eu comecei, que jamais posso dizer que eles não me ajudaram; e a segunda alavanca foi o Consulado da Mulher. Eles me deram meu ateliê. Aqui era tudo aberto; quem viu e quem vê hoje, sabe que é totalmente diferente.

**HÁ 20 ANOS, A GENTE ESTUDAVA
DE MANHÃ, TRABALHAVA À TARDE,
E À NOITE A GENTE FAZIA TAREFA
DA CASA, BRINCAVA.**



Acidente de trabalho

Bem na época da crise na Busscar, quando meu marido estava me ajudando no artesanato, eu tive o acidente. A serra circular travou e puxou minha mão. Achei que tinha sido um dedo, foram três. Na hora eu nem senti dor. Eu com uma menina de oito meses que só mamava, a Aline.

Fiquei oito horas na cirurgia pra reconstituir a mão. Depois passei quase cinco meses fazendo fisioterapia. Mas não teve jeito, o médico já disse: “Vai ficar só bonita, mas tu não vai mais poder trabalhar igual tu trabalhava antes”. E eu não pagava INPS. Porque se eu pagasse, eu ia ser encostada. Numa firma eu já seria considerada deficiente. Mas eu digo: “Seja o que Deus quiser”. Saí do hospital e comecei a pintar com a mão esquerda, ajudando com o pé, e entreguei toda a encomenda que estava fazendo.

Como eu não conseguia mais pintar do mesmo jeito, meu marido ia pra feira com o que eu tinha. Aí eu conheci a Eunice, da Ecos da Esperança também, que foi outra professora minha, e ela vinha pintar aqui em casa pra mim. O ano retrasado ela foi pra rua e eu assumi o grupo de mães. Hoje eu dou aula na Ecos voluntariamente.

Tudo que o cliente inventar

A gente hoje faz os kits, as coisas que vai inventando, e as mesas de artesanato. É uma sanfona, você abre e fecha, então ela não ocupa espaço. E o pessoal vai pedindo e, conforme eles pedem, a gente desenvolve. Às vezes compensa, sim, porque você não pode deixar um cliente na mão.

Ah, esse trabalho aqui, para mim, é a minha vida. Se eu não tivesse isso, acho que não teria mais graça a minha vida, porque é uma coisa que eu adoro fazer e eu gosto de estar envolvida. Eu tô em casa com a família e ainda tiro a minha renda. E acho que a divulgação dá inspiração a outras mulheres que às vezes estão em casa e não fazem nada. Através do ler ou de uma reportagem na TV, alguém pode pensar: “Ah, mas essa mulher cresceu trabalhando assim, quem sabe?”. Fora que, estando em casa, tem gente que pega depressão, muitas ficam doentes, porque não têm o que fazer.

No meu caso, a parceria trouxe uma melhoria total das peças. As dicas foram muito boas para nós. Eu fiquei dois anos e meio assessorada pelo Consulado da Mulher e hoje não sou mais, tenho firma registrada.



Maria José Souza de Jesus nasceu em São João Batista, Santa Catarina, no dia 19 de março de 1970, filha de pais agricultores. Hoje aposentados, Francisco Eugênio de Souza e Maria Martinha Amelim de Souza ainda vivem no sítio. Artesã em Joinville, ficou conhecida como Maria Madeira. Produz seu trabalho com a ajuda do marido e dos filhos e o apresenta em feiras. Sua história de muito trabalho e disposição começou cedo, e hoje ela tem um ateliê em casa, onde ajuda no sustento e cria os filhos.



Leninha saiu do sofá para se tornar uma líder

Eu lembro que estava em casa assistindo tevê e o carro de som passou anunciando que ia ter uma reunião no clube, que era pra formar cooperativa. Eu levantei e disse: “Deixa eu ver o que é isso”. Fui. Pra quê? Desde esse dia, não parei mais em casa. E olha que eu não era de sair, como ainda não sou. Cheguei lá, mais de 500 pessoas. Depois que terminou o curso, o Pronager (Programa Nacional de Geração de Emprego e Renda) formou a cooperativa e eu já saí como coordenadora do curso de laticínios.

Depois fundamos a Cooperfátima, na época com setenta e poucos sócios-fundadores. Continuei, sempre batalhando para encontrar espaço de comercialização para os nossos produtos. Tivemos que constituir uma central de cooperativas. E lá vou eu novamente viajar e entender pra poder fundar essa central.

O que eu vejo é que antes muitas pessoas não acreditavam que têm o poder de mudar de vida através do trabalho. Mas viram que a região tem potencial pra dar certo, basta só a gente investir naquilo em que acredita. A agricultura familiar é que alimenta a nação. Esse é o meu objetivo de vida: fazer a agricultura familiar e a economia solidária darem certo, deixar de dizer que agricultor familiar é um povo coitadinho. Não, nós somos capazes, somos competentes e fazemos um trabalho decente.



Eleneide Alves Cordeiro Carneiro, a Leninha, nasceu em 9 de setembro de 1968, em Iguatu, Ceará. Seus pais eram o pernambucano Pedro José Cordeiro e a cearense Maria Socorro Alves Cordeiro, ambos agricultores. Ela saiu do Ceará por um desentendimento com a mãe e foi morar com uma tia, na Bahia. Depois de casada, instalou-se em Nova Fátima, onde desenvolve suas atividades desde então. Tem dois filhos e hoje é presidente da Cooperfátima e da Central de Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária do Estado da Bahia, Arco Sertão Central, que comercializa os produtos de várias cooperativas da Bahia e de Sergipe. Além de sonhar que suas iniciativas prosperem e promovam uma vida melhor para os cooperados, ela também espera um dia fazer uma faculdade.

Ensinar “está no sangue” de Eunice



Eu sempre fiz artesanato, desde criança, porque, devido à minha pouca possibilidade de locomoção, sempre fui muito frágil. Meus pais tinham medo que eu caísse, me machucasse e que “não tivesse concerto”, como eles falavam. Eu só entrei na primeira série com 9 anos, porque eles esperaram até que eu tivesse maior firmeza para caminhar. Então meu pai comprava bordado e eu fui fazendo até pegar o gosto.

Daí em diante, sempre que eu tinha um tempo, mesmo dando aula, eu fazia alguma coisa, como crochê, boneca de pano, bichinhos de miçanga, pintura, patchwork. Quando dava aula em Analândia, sofri um acidente. Fiquei de licença, em casa, sem fazer nada, com a perna engessada. No começo eu só queria ter uma ocupação, mas depois fui participar do grupo de artesanato para venda. Aí eu comecei na feira em frente ao shopping, que foi mudando, e agora está na fábrica da Whirpool em Rio Claro.

Fiquei tão feliz quando alguém comprou a primeira peça! Parecia que eu tinha ganhado na loteria. Depois eu tive que voltar para a escola. Passava, via as barraquinhas e pensava: “Eu podia estar ali”. Foi quando eu conheci o Consulado da Mulher e me ofereci para ajudar. Às vezes eu acho que nasci pra ensinar, deve estar no sangue. Se uma pessoa se interessa em querer aprender, eu me disponho a ensinar.

Eunice Claudia Sampaio nasceu em Rio Claro, em 14 de maio de 1949. Seu pai era pintor de paredes, desenhava bem, fazia gravuras e afrescos e daí veio seu interesse por trabalhos manuais. Inicialmente, ela nem imaginava fazer faculdade, mas por incentivo de uma amiga entrou em Geografia na Unesp e descobriu sua vocação. Ao mesmo tempo, nunca deixou de fazer artesanato. Quando se ofereceu para ser voluntária, para aliar sua vontade de ensinar com seu trabalho em artesanato, sofreu o acidente que a deixou de cama. Aposentou-se como professora de Geografia e agora está voltando a trabalhar na feira, com a venda de seu artesanato, ligada ao grupo Colmeia Azul.

Na rotina de Lane, fugir do “rapa” era uma constante

No começo era liberado trabalhar no Terminal Santo Amaro, mas depois fecharam as catracas e não sei por que a gente não podia mais vender lá dentro. Mesmo assim, todo mundo vendia. Quando eu tinha uns 10 ou 11 anos, um dia a gente estava trabalhando e chegou o rapa.

O rapa era assim: chegava uma perua, com vários homens dentro, e atrás deles vinha um caminhão aberto em cima. Pegavam tudo que você estava vendendo e jogavam no caminhão. Sempre ficava alguém lá de cima do Terminal, observando, e, quando o rapa vinha, a pessoa dava o aviso.

Eu me lembro que teve um dia que o rapa chegou sem ninguém ter prestado atenção. Na hora em que minha tia viu, ela saiu correndo. Eu consegui pegar as minhas coisas; lembro que um rapaz estava passando e me ajudou, levou o isopor. Subimos a escada correndo, e minha tia veio atrás. Só que um cara do rapa segurou ela. Nessa hora, outro menino que trabalhava com a gente viu de longe. Ele pegou uma lata de Coca e tacou. E foi direto na cabeça desse cara do rapa. Aí ele saiu rolando a escada e minha tia conseguiu fugir. Ele não se machucou, foi só a lata certinho na cabeça dele. Depois todo mundo se ajuntou e ficou contando essa história e dando risada. Lá no Terminal, cada dia era uma fuga diferente.



Jerlane Santos Matos Brito, a Lane, nasceu em Jequié, na Bahia, em 9 de maio de 1992, mas se mudou para São Paulo com a família ainda criança. O pai, José Ribeiro de Matos, é pedreiro, e a mãe, Maria José Santos Matos, vendia café e salgados no Terminal Santo Amaro. Lane começou a trabalhar com a mãe aos 8 anos; depois arrumou um emprego em uma loja no próprio Terminal, onde ficou até os 15 anos. Aos 16, engravidou e foi morar com o namorado na casa da sogra. Como Lane sempre gostou de matemática, hoje ela trabalha principalmente na área financeira do Espaço Solidário, em São Paulo.



em sintonia com o planeta



Márcia Cristina Magalhães Monteiro

Márcia descobriu um novo sentido para a vida

Até os 5 anos, eu morava num bairro bucólico de Belém do Pará. Tinha amiguinhos, brincava bastante. Mas meu pai morreu cedo e minha mãe não teve mais condições emocionais de estar comigo, então precisei morar com a minha irmã. Em seguida, ela ficou grávida do meu sobrinho Marcelo, e foi aí que melhorou, porque eu passei a ter um “brinquedo”, digamos assim.

Eu gostava de brincar de Banco Imobiliário, de Boa Noite Cinderela, que era um programa do Silvio Santos. Quando eu tinha 12 anos, meu cunhado comprou um sítio e todos os fins de semana nós íamos pra lá. Eu sempre tive a necessidade de contato com a natureza. Tinha piscina, eu nadava no igarapé, subia em árvore, brincava de bola. Meu sobrinho foi crescendo e foi me acompanhando, era minha companhia principal. E eu pescava; adoro pescar.

Um dos motivos de ter ido morar com a minha irmã foi justamente porque eu comecei a ir mal na escola, estava viciando em jogo. Minha mãe não conseguia dar a atenção necessária, e eu comecei a jogar baralho. Onde eu morava era quase uma periferia, então os vizinhos jogavam, me chamavam e eu comecei a gostar. E me desinteressei pelos estudos. Não cheguei a repetir de ano, mas quase.

Novos horizontes

Na casa da minha irmã eu voltei a estudar, entrei pro time de handebol, pra seleção paraense, viajei, mudou tudo. Estudei até os 18 anos, me formei no segundo grau. Então fiz um curso técnico em contabilidade e comecei a trabalhar. Com esse problema de depressão que minha mãe tinha, ela não me deixava viver a minha vida. Transferia toda a carência dela pra mim. Isso me sufocava, então um belo dia eu disse: “Eu vou embora”. São Paulo é o sonho de todo mundo que é do Norte e Nordeste, então eu achei que ia ter minha oportunidade aqui, que o estudo seria melhor, o trabalho. Vim, prestei vestibular na PUC e passei em Serviço Social, mas não consegui concluir o curso, porque era muito caro.

Vim em 1990, sem saber absolutamente nada. Cheguei de ônibus, desci na estação Tietê e dei sinal pro metrô... Minha única referência era uma amiga que já morava aqui, na Serra da Cantareira. Foi um choque, porque Belém é uma cidade plana e aqui tem altos e baixos, tem montanha. Fiquei 15 dias lá, me sentindo a pior das pessoas, porque era tudo muito grande, tudo muito longe, tudo muito estranho. Minha amiga é artesã, ia trabalhar, e minha mãe mandando uma carta por dia pra eu voltar.

Mas logo arrumei um emprego, de assistente de sindicato. Daí eu saí da Cantareira e fui morar numa república com mais oito meninas, atrás do Maksoud Plaza. Fui pra uma área central pra ficar mais perto da cidade, mas só dava pra pagar a vaga. E eu não sabia cozinhar, não sabia fazer nada, porque minha mãe fazia tudo pra mim. Foi daí que veio a coisa de aprender a cozinhar.

Depois de dois meses eu consegui um bom emprego, de assistente fiscal na AEG-Telefunken. Então consegui pagar uma faculdade, saí da república, fui dividir o apartamento só com três pessoas. Fiz Administração na Fecap, mais pela necessidade do momento, por causa do lugar onde eu estava trabalhando. Então entrei nos Laboratórios Roche, depois na Yopa Gelato, e comecei a me especializar em automação industrial. Eu não me sentia mais feliz trabalhando com papelada, com números. Aí eu disse: “Quer saber? Eu vou em busca de outro horizonte”. Surgiu a oportunidade de trabalhar no escritório de tecnologia de um amigo meu, na área de automação. Achei interessante, porque te força a pensar. Aí eu fui fazer o curso de Tecnologia nessa área e trabalhei minha vida inteira com isso, até o ano retrasado.

Vida cultural rica

Além de trabalhar, eu também me apaixonei pela cultura da cidade. São Paulo oferecia uma vida cultural bastante fácil, abrangente, teatros de graça, exposições. E comecei a fazer amigos, jogando futebol de salão no Sesc. Não tinha handebol, aí eu fui pro gol, que eu já estava acostumada a tomar bolada... E sempre fui muito ao cinema, assistir Mostra de Cinema, filmes europeus, que eu curto bastante. Hoje eu amo São Paulo, muito mesmo.



Visita da irmã Maria da Graça e do pai Antonio ao Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, 1966.

Eu sempre procurei me relacionar com pessoas do bem, porque fui convidada até pra fazer programa, pra ser traficante. A gente vem sozinha e acham que você está perdida... e eu faço amizade até com poste de rua... Mas minha mãe e minha irmã sempre me diziam que se eu entrasse nessa vida não saía mais.

Eu nunca tive uma relação hetero, mas sempre soube muito separar as coisas, sempre me relacionei com mulheres fantásticas, que me ajudaram muito. Em Belém, eu já tinha tido uma relação homoafetiva com uma mulher durante cinco anos. Hoje a Bete é a minha companheira.

Alimentos orgânicos

No trabalho eu me sentia mercenária; só trabalhava por dinheiro. E sonhava em ter um restaurante. Porque no começo eu não sabia cozinhar, só sabia fazer miojo, mas fui aprendendo e descobri esse talento em mim. Eu cozinhava para os amigos e eles sempre diziam: “Márcia, por que você não abre um restaurante?”. E foi quando eu descobri os orgânicos.

Um belo domingo, fui ao Parque da Água Branca com uma companheira minha, que também curti essas coisas, era mais natureba. Fui e me encantei. Aí comecei a participar de palestras pra entender mais do assunto. Me filiei à Associação de Alimentos Orgânicos, comecei a me inteirar e ver que aquilo era realmente um caminho para uma vida saudável.

Comecei a fazer as coisas para os meus amigos, e muitos se tornaram adeptos dos orgânicos, começaram a diferenciar o paladar. Foi quando entrei no Senac, fiz um curso de gastronomia de quatro meses. Era um curso básico, voltado para a alimentação

EU SEI QUE TRABALHANDO COM ESSA DEDICAÇÃO QUE EU TENHO, ISSO VAI TRAZER O RETORNO FINANCEIRO PRA GENTE.



vegetariana. Eu sou quase vegetariana. Carne eu dispensou, mas gosto muito de peixe, camarão, um franguinho...

Percebi então que não tinha quem fornecesse alimentação orgânica, refeições mesmo. Mas descobri um balcão no Ceagesp onde, se você compra em quantidade, sai muito mais barato; mas eu tinha que ganhar dinheiro, e com isso ainda não dava. Nessa época eu conheci a Bete. Eu já estava cheia de São Paulo, não aguentava mais o trânsito. E eu pensava: “Eu tô chegando aos 50, e vou continuar trabalhando com o que não gosto?”.

Foi aí que entrei num acordo com a empresa e resolvi comprar um apartamento, sair do aluguel. Vim pra São Bernardo e abri uma quitanda orgânica, chamada Sabor Autêntico. Fechei com vários fornecedores, mandei fazer um site, queria uma coisa de entrega. Mas todo mundo dizia: “Ah, orgânico é caro”. A quitanda não deu certo, mas a Bete tem muito conhecimento na cidade e surgiu a ideia de colocar os produtos numa feira de orgânicos aqui mesmo, em São Bernardo.

Perspectiva profissional

Comecei a conhecer a ideia de Economia Solidária em um curso que fiz na Central de Trabalho e Renda (CTR), e vi que a característica é uma distribuição de renda justa. Foi aí que eu entrei. A Bete tinha acabado de passar no concurso para trabalhar no Poupatempo, porque alguém precisava garantir um fixo. Foi quando eu conheci o Consulado, que me apresentou a Cia. das Mulheres.

Levei meu conhecimento de orgânicos para elas e logo surgiu a oportunidade de fazer um belíssimo café da manhã para a Frente Parlamentar Orgânica, em São Bernardo do Campo. Depois vieram outros eventos. Na prefeitura agora são 600 funcionários que nós temos que atender. Desses, 70% querem alimentação saudável.

Atualmente nós somos seis mulheres e estamos procurando parceiras pra rede, porque o bicho tá pegando. Não é uma empresa capitalista, que todo mês tem aquele garantido. Mas estamos investindo. Nosso desafio é chegar até o final do ano com um bom salário, digno, que deixe todas felizes. Eu me sinto muito, muito, muito feliz, realizada. Financeiramente, pra mim, ainda não tenho retorno, mas é incrível, isso não é uma coisa que me tira o sono... Porque eu tive um crescimento pessoal muito grande; emocionalmente, mudou a minha vida. Se antes eu trabalhava por dinheiro, hoje eu trabalho por amor.



Márcia Cristina Magalhães Monteiro foi adotada por Antonio Seabra Monteiro e Genoveva Magalhães Monteiro na cidade onde nasceu, Belém do Pará. Ele trabalhava em uma empresa de aviação e ela era dona de casa, e já tinham mais de 50 anos e três filhos bem mais velhos do que a menina, nascida em 2 de setembro de 1964. Márcia se mudou para São Paulo para fugir da superproteção da mãe, trabalhou, fez faculdade e descobriu que seu talento é cozinhar. Mais ainda, descobriu que a alimentação orgânica e saudável é sua missão.



Agora Nadia pode viver tranquila em sua comunidade

Antes a nossa comunidade era esquecida por político, por qualquer que fosse o órgão que pudesse ajudar. Como ela é dentro do Igarapé, todos passavam por fora. As pessoas daqui trabalhavam muito com a madeira e depois foram surgindo os órgãos de proteção ambiental e muitas pessoas da comunidade foram presas pela retirada ilegal de madeira. Isso causou uma revolta muito grande na reserva toda; as 19 comunidades se uniram e fizeram um movimento, porque as pessoas presas eram muito queridas aqui.

Então surgiu um consenso e a Fundação Amazonas Sustentável resolveu dar apoio. Antes era uma Área de Proteção Ambiental (APA), e, segundo a lei, nela não pode caçar, pescar, fazer roçado, praticamente nada. Então viramos Reserva de Desenvolvimento Sustentável e isso trouxe um impacto muito grande no município. Hoje tem o projeto do manejo florestal, em algumas comunidades isso já está dando certo, e pode tirar madeira para construir, pescar, tudo para a própria comunidade.

Hoje tem uma série de projetos de geração de renda para a comunidade, que são do conhecimento de todos. Se nas comunidades isso não funciona, é por falta de interesse da própria comunidade mesmo. Acho que hoje a gente tem o local, tem o trabalho, tem tudo. O futuro é aqui mesmo.



Nadia Lúcia da Silva Garrido nasceu na comunidade de Tumbira, que hoje faz parte da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro, município de Iranduba, no Amazonas, em 11 de abril de 1977. Para receber os familiares que vinham participar do festejo religioso anual da comunidade, seu pai, José Garrido Filho, ampliou a casa, construindo um andar a mais. Com a melhoria de vida a partir de projetos de desenvolvimento sustentável na região, a casa se tornou uma pousada e hoje Nadia, o marido e os filhos é que tocam o negócio, que também oferece alimentação. Nadia sempre gostou de cozinhar e já vendeu bolos, cosméticos e peças que ela mesma costurava.

Dorinha aceitou um desafio e descobriu 60 tipos de madeira

Na mesma época em que a Philco faliu, meu marido também estava sem emprego. Na família dele, já tinha um irmão que trabalhava com marchetaria, mas eu mesma não gostava de artesanato, não dava valor. Mas um dia uma prima dele, que tem uma loja aqui no porto de Manaus, ligou e disse que um rapaz da Alemanha estava querendo uma caixa feita com 60 espécies diferentes de madeira. Aí o irmão dele, o Pedro, que já era artesão, ligou aqui em casa atrás do Assis e disse: “Eu que já sou artesão há um tempão só conheço 23 tipos de madeira, como é que ele vai trabalhar com 60? Ele vai envergonhar o nome dos artesãos”.

Foi quando eu resolvi entrar no desafio. A gente foi em várias madeiras, trouxemos madeiras de Itacoatiara, fomos pro IPAN (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) pra reconhecer as madeiras. E em um mês conseguimos. Esse foi o primeiro trabalho que fizemos com a madeira.

Quando conhecemos o Klein, da Economia Solidária, foi que a gente teve consciência de que isso poderia ser um negócio, porque ele me disse: “Dora, tu tem que incentivar ele, que isso vai dar certo”. Agora a gente faz essas peças, porta-joias, baús, porta-cartão, com cipó, palha do urucum, açaí. E eu participo do movimento, porque a gente precisa correr atrás.



Maria Auxiliadora Venâncio de Souza, a Dorinha, nasceu em Manaus, no dia 4 de outubro de 1961, filha de Antônio Villaça Venâncio de Souza e Antônia Lopes, que trabalhavam com extrativismo vegetal. Quando Dorinha tinha 12 anos, seus pais se separaram e ela ficou com o pai e a avó materna e foram morar em Itacoatiara. Depois de 25 anos trabalhando na Zona Franca de Manaus, na fábrica da Philco, a empresa foi comprada e em seguida faliu. Ao mesmo tempo, Dorinha descobriu que estava com câncer de útero. Com o marido, que aprendeu a trabalhar com madeira, começaram a produzir artesanato. Dorinha se envolveu com a organização dos artesãos no movimento de Economia Solidária, ajudando a garantir o espaço de que eles precisam para trabalhar.





reinventando a vida



Maria Helenice Guerra

Nice encarou São Paulo com coragem e decidiu que ia vencer

Eu sempre considerei meus pais muito jovens, com uma mente muito boa. Criaram os filhos com educação, sempre dizendo o que é certo e o que é errado. São vivos até hoje, ainda moram em Triunfo. Meu pai era dono de engenho, herança dos avós, sempre trabalhou na agricultura.

Para estudar era um pouco difícil, porque não tinha uma escola. O grupo se reunia e as professoras vinham, daí meu pai dava abrigo pra elas. Elas ficavam na nossa casa e eram bem rígidas, como uma segunda mãe. O grupo ia até o quarto ano, depois tinha que ir para a cidade, o que não era fácil. Então só terminei de estudar em São Paulo.

Vim pra cá com 17 anos, por causa do meu irmão, o Dito. O mais velho, Antônio, já morava aqui com a esposa, e o Dito gostava de uma moça, mas ela não queria namorar com ele. A gente não passava nenhuma necessidade, meu pai deu carro pra ele, moto, e do nada ele vendeu tudo e veio embora, morar com o Antônio. Ele sempre mandava carta pedindo que eu viesse, e como a gente sempre foi muito unido, um dia eu decidi e vim.

O mais difícil pra mim era não conhecer nada; era como estar no escuro. Mas eu tinha meu saber de criança, que aprendi com minha avó Maria, que falava assim: “O aprender ninguém tira da gente”. Ela me ensinou a fazer tricô, crochê, renda de bilro. Eu não precisava ter vindo pra São Paulo, mas já que eu vim, eu falava: “Eu vou vencer, vou conseguir pelo menos uma casa pra morar e um carro pra andar”.

Surge um anjo

Então eu comecei a fazer vestidos de crochê e vendia para a minha cunhada. Guardava o dinheiro e ele servia pra comprar comida, junto com o salário do meu irmão, que era pouco. Eu sempre ia procurar emprego com ela ou com uma vizinha, uma pessoa que achava dificuldade em tudo. Aí eu resolvi ir sozinha e falei: “Vou arrumar um trabalho”. Minha vizinha me criticou: “Você acha que vai vir da roça e arrumar emprego? Nem documento tem”.

Mas eu fui assim mesmo. Vendi dois vestidos que fabriquei e fui para o bairro de Santo Amaro. Cheguei em um lugar onde estava escrito “agência”, mas eu não sabia nem o que perguntar. Encontrei uma mulher de cabelos pretos... ela era linda. Não sei nem se era um ser humano, eu sei que fui ajudada. Ela me perguntou se eu tava procurando emprego, me ensinou onde tirar carteira de trabalho. Falou que o nome dela era Maria.

Ela então me levou numa empresa chamada Sintaryc, que fazia perfume, na avenida João Dias. Tinha vaga, eu fiz a ficha, ela fez a ficha, as duas foram aprovadas. Na segunda-feira eu cheguei para trabalhar e perguntei por ela. Eu era a única Maria que tinha entrado. Nunca mais a vi. É o que eu digo: existe milagre? Existe. Deus sempre manda um anjo.

Mas nessa empresa as meninas diziam: “Tem que sair com o chefe; se não, não efetiva”. No Nordeste a gente não tinha contato com homem, minha mãe vigiava a gente 24 horas, então eu nem sabia o que era sair com o chefe. Daí não fui efetivada e quando surgiu outro emprego, no Laboratório Dorsay, eu fui.

Reiventando a vida

Foi no Laboratório que eu conheci o Daniel, que é o pai do meu filho Danilo. Quando casei, eu tive que sair, porque não podia trabalhar marido e mulher na empresa. Aí entrei na Natura, que me deu muita oportunidade de conhecimento. Lá eles ensinam você a ser educado, a ser igual. Os comerciais são todos feitos pelos funcionários e o primeiro do Cronos fui eu que fiz. Meu filho era pequeno e quando ele me viu na TV até quebrou o aparelho porque ficou mudando de canal sem parar pra achar a mãe dele novamente...

Fiquei cinco anos na Natura, e nessa época também me separei. Criei meu filho sozinha, com a ajuda de Deus, da família, dos vizinhos. E criei ele na periferia, em lugares que às vezes tinha drogas. Mas eu ficava em cima, como minha mãe fez comigo. Com 10 anos ele ia no banco, pagava conta, fazia tudo.



Aniversário surpresa de Nice e Bel, em São Paulo, 1994.

Da Natura fui para outra empresa, depois entrei no Laboratório Tortuga, que fazia produtos agrários, e fiquei 17 anos. Aí tive uma lesão do manguito rotador e perdi 50% dos movimentos. Fui demitida em 2004, mas fiz o exame e fui considerada inapta, aí retornei, fiquei afastada, e com isso passou sete anos. Eu não tenho como levantar o braço totalmente, mas ninguém imagina, porque aqui no Brasil você tem que perder o braço pra poder dizer que é aleijado. Tive que processar a empresa para que eles reparassem o dano, mas ainda não saiu o resultado final.

Enquanto estava afastada, eu fazia cursos de todo tipo, de culinária, de montagem de bufê, de coffee break, de embalagem de balões. Mesmo afastada, não fiquei parada. Sempre tive vontade de trabalhar com comida, aprendi a fazer ovo de Páscoa com a minha cunhada, levava para a empresa e vendia todos. Tudo voltado a doce, eu amo doce.

Crescimento no empreendedorismo

Depois do afastamento, quando voltei ao trabalho, eu vi que já não era a mesma coisa, e que ia ser demitida, porque não estava mais adequada para os padrões que eles queriam. Aí minha irmã engravidou de um rapaz que não assumiu o filho e também foi demitida. Eu fui ajudar ela e comecei a pôr em prática tudo que eu tinha aprendido.

A GENTE TRABALHA COM BASTANTE CAUTELA, PORQUE NÃO É FÁCIL CRIAR UM FILHO NA PERIFERIA. AINDA O MEU É DE COR ESCURA, ENTÃO É MUITA PERSEGUIÇÃO.



A gente alugou um espaço no Pop Shop Santo Amaro, comprei um freezer usado, um balcão refrigerado. Fiquei toda empolgada, era um comércio! O Danilo nessa época já fazia bolo, já ajudava. A gente fazia bolo, cocada, todo tipo de chocolate, mas o que mais vendia eram os kits eróticos. Eu aprendi num curso de trufa e achei que ia vender, e vendia mesmo.

A gente começou a gerar uma renda legal, mas a dificuldade era o transporte. Um dia, meu filho tinha feito um bolo com o maior carinho e o bolo caiu. Aí dei uma de heroína e resolvi comprar um carro, fui aprendendo a dirigir, depois o Danilo também tirou carta.

Depois o negócio começou a crescer, eu comecei a receber encomenda, então resolvi montar na garagem da minha casa, que é própria, e sair do aluguel. Eu e uma vizinha nos juntamos e alugamos um espaço, e foi aí que conheci o Consulado da Mulher. Começamos fazendo um coffee break; depois eles foram pegando confiança no nosso trabalho. E fomos fazendo outros, pra faculdades, o que é muito importante, porque é uma referência.

Família e trabalho

Nosso negócio é a Doceria Diamante, e quem toca é o Danilo e o Igor, meu outro filho. Na verdade, ele é primo do Danilo, filho de um irmão do meu ex-marido. A gente morava no mesmo quintal e eles eram muito próximos. Depois eu e a mãe dele nos separamos e quanto ele tinha 16 anos veio morar com a gente. Os dois têm 25 anos, são que nem irmãos; e pra mim são dois filhos.

Hoje o Danilo cuida mais da parte de confeitaria e dos salgados, da Diamante mesmo, e o Igor faz mais a parte de alimentação. Para participar da rede de economia solidária a gente tinha que fornecer uma coisa nossa, um produto diferenciado, daí a gente desenvolveu a Barrinha Diamante, que tem frutas nobres e chocolate. Até hoje, todos que comem gostam.

A atividade empreendedora mudou praticamente tudo na minha vida. Hoje posso fazer uma viagem, ir num bom restaurante, temos esse luxo. Eu tenho muito a agradecer pela oportunidade de hoje poder deitar e amanhecer do lado da minha família, que também é o meu trabalho. Meu sonho é ter um empreendimento próprio, onde eu possa dar um trabalho para todos que chegarem à minha porta.



Maria Helenice Guerra, a Nice, nasceu em Triunfo, Pernambuco, em 14 de março de 1956. É filha de Doralice de Souza Lima e Jesus de Souza Guerra, que proporcionaram a ela e aos seis irmãos, um deles adotivo, uma vida relativamente tranquila. Mas Nice resolveu acompanhar o irmão que veio a São Paulo e desde que chegou decidiu que ia vencer. Hoje é coordenadora da rede de Economia Solidária e garante a qualidade do trabalho de todos os fornecedores.



Com 14 anos, Izilda aprendeu a defender sua família

Meu pai era quase médico. Não sei bem o que ele fazia, mas antes de se casar ele ganhou uma casa como prêmio pelo combate à febre amarela. Depois a gente tinha plantação de feijão, milho, algodão. Ele era um homem muito cuidadoso com nós, mulheres, ensinava bons modos, soube explicar tudo direitinho, como era a vida. Coisa que geralmente mãe ensina, no nosso caso foi ele.

Meu pai confiava muito em mim. Eu tinha uns 12, 13 anos, teve um concurso em Bom Conselho pra ensinar no Mobral. Aí ele perguntou se eu queria fazer esse concurso. Passei em primeiro lugar, ganhei uma casa com todos os móveis, e mais a classe completa. Eu dava aula de Mobral à noite, no sítio. Eu tinha o maior carinho de alfabetizar todo aquele pessoal, eram todos velhinhos...

A minha história mudou porque meu pai faleceu quando eu tinha 14 anos e deixou meu tio como nosso tutor, mas esse meu tio queria tirar tudo da gente. Eu lembrei que, quando ia visitar meus avós em Bom Conselho, eles tinham um advogado. Aí eu fui pra cidade e fui falar com o doutor Abelardo. Ele me orientou, marcamos uma audiência com o juiz e meu tio ia sair preso, mas no fim ele assinou um papel dizendo que não podia tocar o dedo no que era nosso. Eu então organizei minha vida com a minha mãe e meus irmãos.



Izilda Correa de Macedo Custódio, nascida em Bom Conselho, Pernambuco, aos 10 de junho de 1955, é filha de Euclides Correa de Macedo e Maria Eliza de Menezes. Maria Eliza era filha adotiva de uma família rica da cidade, mas fugiu com Euclides aos 16 anos. A família foi morar na fazenda da família paterna, em Caibros, onde sempre viveu bem até a morte do pai. Já adulta, Izilda foi a São Paulo para o casamento da irmã e se apaixonou pela cidade. Montou uma casa e mandou buscar a mãe e os irmãos. Depois de casada, foi morar em São José dos Campos, mas o marido se desentendeu com o sócio e resolveu voltar para sua cidade, Joinville, onde moram há 20 anos. Izilda hoje trabalha com bordado e crochê e participa de um empreendimento chamado Expresso Bordados.

Daniele encontrou um novo trabalho com as frutas da Amazônia

Meu segundo marido já era daqui, mas eu nunca tinha vindo, não tinha conhecimento desse trabalho social que ele desenvolve. Eu não admirava, porque achava que você se doa muito e não leva nada em troca. Pra mim o bom era estar na zona urbana; mas ele sempre gostou da área rural e se envolveu muito com a cooperativa, depois com a fábrica de polpas de frutas. Eu via muita dedicação dele com isso e não com a família, então pensei: “Vou ajudar, se não vai ter que separar”.

E passei a fazer parte dos eventos, fazia o coffee break pra receber as pessoas de fora. E percebi que na cooperativa tinha muitos homens. Eu pensava: “E as esposas?”. Sei que a esposa, quando não trabalha, tem que pedir tudo pro marido: pra comprar absorvente, pra comprar um batom. E eles sempre querem saber pra quê e isso chateia a mulher.

Aí, eu pensei: “Eu sei fazer esse sorvete. Vou juntar essas mulheres e vamos ganhar dinheiro”. Aprendi a receita no programa da Ana Maria Braga, mas eu não queria fazer daquele jeito, queria fazer com o que a gente tinha aqui, sem agregar coisas que eu percebia que faziam mal. Fui fazendo, até que deu certo.

Minha infância foi difícil, acho que minha história serve pra muitos que vivem apegados ao sofrimento. Hoje eu acredito que sou uma das pessoas que fazem a diferença na sociedade.

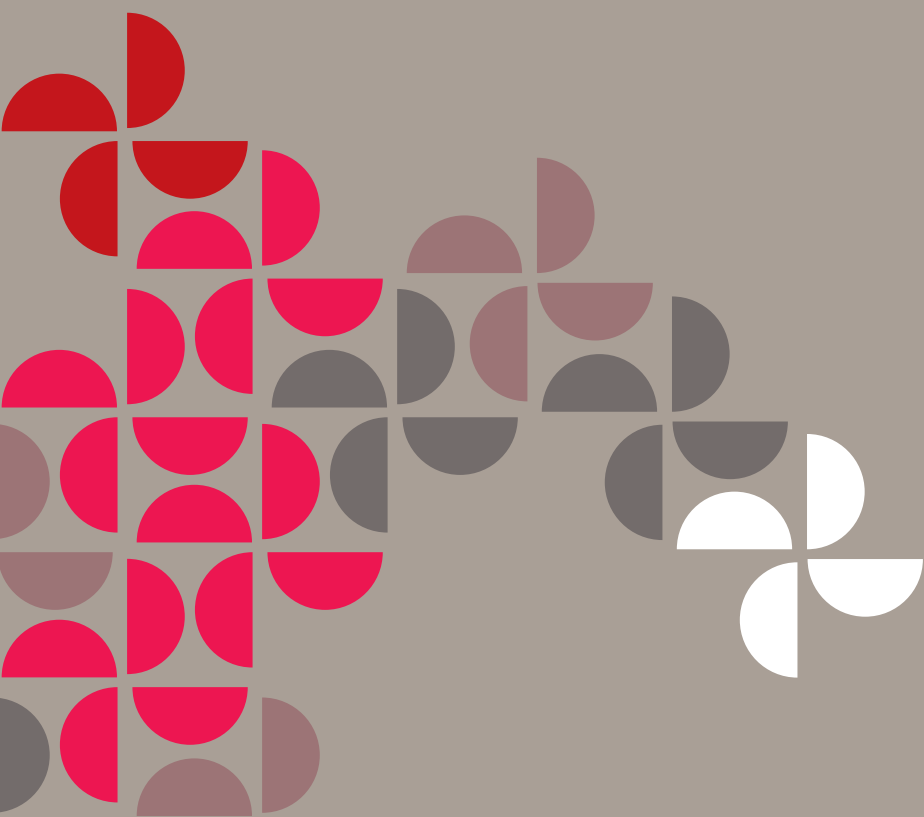


Daniele Aparecida Serrão nasceu em 14 de fevereiro de 1976, em Manaus, mas foi criada pelos tios e a avó em Itapiranga, Amazonas. Nunca foi reconhecida pelo pai e só voltou a morar com a mãe, Raimunda Serrão, aos 13 anos. Com essa idade, começou a trabalhar em fábricas na Zona Franca de Manaus. Casou-se aos 17 anos e teve dois filhos. Separou-se e voltou a trabalhar em fábricas, onde conheceu o atual marido, João Carlos, com quem teve mais uma filha. Tinha parado de estudar no primeiro casamento, mas voltou e hoje cursa Engenharia Ambiental. Foi a fundadora da empresa Sabores do Tatumã, que fabrica sorvetes de polpas de frutas locais, e está sempre batalhando para conseguir comercializar os produtos e profissionalizar cada vez mais a empresa.





todas por uma



Marlene Maciel Barbuio

Marlene quer ver as mulheres assumirem o rumo das próprias vidas

Meu pai era um herói pra mim, uma pessoa que batalhou muito. Ele trabalhou com animais, teve uma vida muito difícil. Saía pra buscar boiada, esse tipo de trabalho, bem precário mesmo. Enquanto ele ia buscar o gado, minha mãe ficava tomando conta dos filhos, que não eram poucos. E também matava os animais, que era o que a gente comia. Ela tomava conta de tudo. Nós somos 20 irmãos; dez faleceram e dez sobreviveram. Deses dez que faleceram eu só conheci dois, mas com os outros convivi muito tempo. A gente teve uma vida muito boa entre nós na infância, na adolescência, até adultos.

Quando criança, todo mundo ajudava muito a minha mãe. No fim de semana, a gente brincava de pique, corria na rua, andava a cavalo, tinha toda liberdade. Era outro tipo de brincadeira. A gente morava no sítio, tinha só o trabalho de lavar louça, de ajudar a limpar a casa, mas isso acho que é obrigação de todo mundo. Pra mim foi muito bom, porque me fez crescer bastante.

Eu era muito xereta, gostava de tirar leite, não porque minha mãe exigia, mas porque eu me divertia mesmo. Gostava muito da vida no sítio, e até hoje sou apaixonada pelas coisas da natureza. Acho que toda criança deveria ir para o sítio, porque tem muitas que não conhecem nada disso, é uma pena.

Muita coxinha pra vender

Mas isso foi por muito pouco tempo, porque com 10 anos eu já vim embora. Minha irmã mais velha era muito atirada e senti a necessidade de sair, vendo a dificuldade dos irmãos. A gente chegava até a passar fome nessa época. Levantava de manhã, comia polenta doce; no almoço, polenta salgada; no café da tarde, polenta doce, e na janta, polenta salgada de novo. Meus avós já moravam em Santo André, no ABC, aí ela veio. Arrumou uma casinha, trabalhou, depois de uns cinco ou seis meses ela foi buscar a família. Aí nós viemos, a mãe e os filhos, e meu pai continuou lá.

Em Santo André a gente ficou mais fechado, ia pra escola, chegava, ajudava a minha mãe. Só o dinheiro da minha irmã não dava, então minha mãe fazia as coxinhas, de manhã cedinho, quatro, quatro e meia já fritava os salgadinhos pra entregar nos bares. Às oito horas deixava lá, voltava pra casa e começava tudo de novo.

Com isso de fazer e vender coxinha, minha mãe me deu umas boas aulas. E eu ajudei a família e gostei muito. Gosto até hoje de fazer salgadinhos, não tenho preguiça. Mas minhas melhores lembranças são da minha irmã mais velha. Ela me deu muito conhecimento, levou a gente pra conhecer novos horizontes e isso foi importante pra mim.

Mãe linha-dura

Meu primeiro emprego foi numa fábrica de peças pra carro. Era um trabalho até meio sujo, cheio de graxa. A turma se surpreendeu, porque era a primeira vez que trabalhavam mulheres nessa produção, e eu fui uma delas. E as mulheres davam mais produção do que os homens... Eu era muito infantil. De vez em quando eu aprontava as minhas, coisa de moleca. Tinha umas caixas, umas caixas altas, grandes. E eu subia e ia pulando de uma pra outra. Então me chamavam a atenção, mas acho que talvez meu trabalho superasse essa molecagem minha.

A minha mãe me castigava bastante; ela era muito desconfiada. Não podia namorar, não podia ter amizade com os rapazes. As meninas não podiam sair pra bater papo, nada, era uma coisa bem, bem fechada.

Depois trabalhei numa fábrica de cobertores, onde conheci o meu marido. Logo que eu comecei a namorar, minha mãe já me tirou do serviço, porque pra ela eu não podia estar com ele lá. Então eu ficava ajudando na casa. A gente começou um namorinho assim, de cinco, dez minutos, era o máximo que a gente conseguia. Ele queria sair, ir no cinema, mas não podia. Até que ele resolveu namorar em casa. Nós namoramos um ano e sete meses e casamos.



Cursos pra ajudar as pessoas

Essa história de artesanato começou na escola, quando eles davam as aulas de trabalhos manuais. A minha irmã mais velha, muito prendada, também me ajudou bastante. Eu aprendi a fazer o fuxiquinho e alguns pontos de bordado. Mas, na realidade, em 1999 se formou o Fórum de Mulheres, e eu comecei a participar com o objetivo de trabalhar com mulheres vítimas de violência.

Eu dava oficinas, alguns cursos. Procurava ajudar as pessoas, passando o que eu sabia pra elas. Dei muito curso de alimentação, de como fazer coxinhas, de pintura em gesso, dos fuxiquinhos. A gente ia atrás de ajuda, até mesmo com as políticas públicas. Trabalhamos com o centro de referência para as presidiárias, principalmente na parte de geração de recurso pras famílias mais carentes.

Mas no ABC a violência estava muito grande, e como o meu irmão morava aqui em Rio Claro e meu filho veio pra cá arrumar um serviço, nós acabamos vindo também. Conheci pessoas, uma vereadora, que me convidou pra participar. Ela pediu pra organizar uma feira de artesanato. Nós fizemos essa feira, aí começaram a aparecer outras, e fui indo.

**A ÁRVORE CHORA QUANDO ELA
DERRUBA SEMENTES. ENTÃO, A GENTE
SÓ VAI COLHER A SEMENTE QUANDO
ELA ESTÁ NO CHÃO.**



Em 2004 nós fundamos o Grupo de Geração de Renda, que faz parte do Fórum de Mulheres Colmeia Azul, onde a gente trabalhou com mais de 40 mulheres. Minha família cobrava muito: “Por que você vai pra feira? Você não tem nada pra fazer lá”. No fundo, eu fui participar dessa feira mais pra ajudar as pessoas; meu objetivo era trabalhar essa questão da geração de renda.

Trabalho e renda para emancipar a mulher

Eu comecei com o fuxico, que era o que eu sabia fazer. Depois fui trabalhando mais a questão da natureza, que eu amo, e o grupo cresceu bastante. Hoje a gente trabalha com a semente. É um trabalho ecologicamente correto. Eu procuro respeitar a lei da natureza; nunca vou lá e apanho a semente quando eu quero. A gente colhe uma faixa de 60% a 70% das sementes, e deixa o restante pra natureza se incumbir do seu novo ciclo de vida, tanto como alimento para os animais como para novas árvores.

Nesse grupo de geração de renda que formamos cada um faz o seu trabalho e depois a gente busca os espaços pra venda. O supermercado cede o espaço e então a gente se junta na hora de fazer a venda – uma toma conta da mesa da outra, enquanto a outra fica produzindo; mas o lucro é individual. E com isso a gente vai caminhando.

Pra mim, a importância disso tudo é a emancipação da mulher. No fundo, essa é a transformação que eu procuro. O projeto trabalha muito a autoestima, e acho isso bem importante, porque começamos com mulheres que tinham depressão muito forte, mas elas foram melhorando. É cansativo, é complicado, elas têm que carregar peso, enfrentam chuva, temporal, tudo que você pode imaginar.

Mas hoje a gente já pode dizer que está melhorando, porque temos ajuda de várias parcerias, como o Consulado da Mulher. Eu ganho muito conhecimento através deles. Então essa causa a gente ganhou. Hoje pode-se dizer que elas têm um salário mínimo pra ajudar na renda.

Ah, o meu maior sonho? É impossível! Eu queria que tivesse menos desigualdade. Eu queria que os artesãos tivessem uma vida digna, que pudessem ter a casinha deles, que pudessem ter um salário digno pra chegar em casa, dividir com os filhos. Eu sei que é meio impossível, mas a gente tá lutando. E acho que falta gente pra abraçar a causa. Se tiver bastante gente, eu acho que vai ser uma causa muito bonita e eu quero estar aqui pra ver.



Marlene Maciel Barbuio nasceu em Borda da Mata, Minas Gerais, em 6 de novembro de 1952. Seu pai, falecido com 99 anos, era José Maciel, apelidado de Zé Moreno, e a mãe é Amélia Coutinho Maciel, de 91 anos, conhecida como Melica. Sempre gostou de ensinar mulheres a gerar sua própria renda, e com isso se tornou artesã. Hoje vive em Rio Claro, no interior de São Paulo, onde participa de uma rede de artesanato do projeto de Economia Solidária.



Iolanda, a merendeira que virou padeira

Eu era merendeira lá em Tumbira, trabalhava de manhã e de tarde e também fazia a merenda para os alunos da noite, porque não tinha outra pessoa. Eu morava na pousada, em um quarto alugado, vinha pra casa no fim de semana. Minha filha, Jaqueline, ia comigo, e o Janderson ficava aqui com o pai. Mas chega aquele momento em que você tem que estar perto da sua família, então eu tomei uma iniciativa e voltei pra cá.

Fiz cursos de culinária e o chef de cozinha ensinou a gente a fazer pão. Você se acostuma a trabalhar e no fim do mês ter seu dinheiro, então falei pro meu marido: “Acho que vou começar a fazer pão”. Ele brincou comigo: “Mas tu não faz nem pra gente comer aqui em casa...”. Eu comecei a fazer, aí o Sebastião falou: “Vou te bancar três meses”. Acho que ele pensava que eu não ia vender, mas teve meses que eu vendi mil, 2 mil pães.

A vida melhorou muito, é um empreendimento muito bom, porque é uma coisa que tá gerando renda dentro de casa mesmo. Acredito que se você tem força de vontade e faz bem-feito, as pessoas gostam e voltam. E todo mundo que prova, gosta do pão. Com isso, eu já comprei uma geladeira e a gente colocou um pequeno comércio, com café e outras coisas. Ainda sonho em ter um empreendimento maior, para eu ajudar também outras pessoas.



Maria Iolanda Oliveira da Silva nasceu em 4 de abril de 1974, em Manaus, filha de Maria Raimunda Oliveira da Silva e Anísio Oliveira da Conceição. Sua família sempre viveu na Comunidade do Saracá, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Rio Negro, município de Iranduba. Como a família não tinha condições de criar os seis filhos, Iolanda foi criada por dona Raimunda, fundadora da comunidade, e assim teve a oportunidade de estudar até o quarto ano. Depois, foi aluna interna da Comunidade Bahá'í, mas o ensino não era reconhecido pelo governo. Mais tarde, já casada e com o apoio do marido, Sebastião, Iolanda conseguiu concluir a sétima série. Além de vender seus pães, ela também trabalha no restaurante comunitário de Saracá.

Cecéu ajuda as famílias da região a tirar o sustento da mandioca

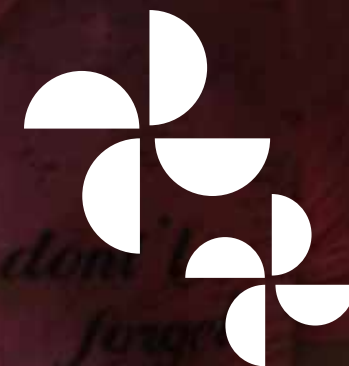
No início a gente trabalhava limpando mandioca, na enxada mesmo, homem, mulher, criança, todo mundo. Depois é que começou esse trabalho com os outros produtos, vendendo beiju. Isso surgiu porque as mulheres trabalhavam juntas e um dia a gente pensou assim: “Tá na hora de a gente se reunir, porque assim, dependendo de nossos maridos, em casa, não vai dar certo. Nós temos capacidade de ajudar na renda familiar também”. Então a gente começou a deixar tudo e ir buscar lá fora espaços pra aprender. A gente viu que o mercado estava oferecendo oportunidades, mas tinha dúvidas se ia conseguir atender.

Com a associação, todo mundo começou a se movimentar, homens, jovens, reuniu todo mundo. De lá pra cá foi passo a passo, fomos montando a estrutura, comprando os terrenos, ganhando coisas.

A nossa preocupação foi montar a estrutura para os grupos que não têm espaço físico para trabalhar. Então sempre que aparece uma jovem querendo trabalhar, eu encaminho, mostro como funciona. E logo elas assumem a responsabilidade. Eu venho de surpresa pra ver como é que tá funcionando, mas geralmente nem preciso me preocupar. Tudo que eu quero é cada vez mais ver melhorar essa comunidade.



Maria da Natividade de Oliveira Moraes, a Dona Cecéu, nasceu em Conceição de Coité, Bahia, no dia 8 de setembro de 1960, filha de Carlos de Oliveira Carneiro e Raquel Coleta de Oliveira. Desde cedo se envolveu com a agricultura familiar e ajudou a fundar a Associação Comunitária da Região de Onça (Ascron), da qual é presidente há cerca de dez anos, alternando-se com outras pessoas. No início, a produção era apenas de farinha de mandioca, mas aos poucos as pessoas foram buscando capacitação para ir além e produzir outros itens de maior valor agregado. A Ascron hoje tem 80 associados e produz para programas governamentais como o PNAE e o PPA, além de comercializar em feiras e mercados no Estado da Bahia.



sonhar sempre



Maria Auxiliadora Galdino Soares

Dora sonha em ter seu próprio restaurante

Quando eu era criança, menina, eu via meus pais trabalhando e às vezes tentava ajudar, só que a mamãe não gostava muito, porque tinha medo que eu me cortasse. Então ela evitava de eu ficar pegando pesado. Ai eu brincava com os outros irmãos, que, fora eu, são mais nove, seis mulheres e três homens.

A gente vivia no interior, mas papai parou um tempo, porque nosso tio era prefeito de Manicoré e arrumou um trabalho pra ele na prefeitura, como motorista de trator. E também porque lá o rio é imenso, mas na seca fica só a terra. E, quando vem a cheia, prejudica os agricultores, vai tudo pro fundo.

Nossa grande brincadeira era transformar as garrafinhas de refrigerante em boneca – eu, minha irmã e as primas. Até que um dia eu ganhei uma boneca de verdade da minha avó! Ai, era o meu sonho ter uma boneca! Não era nenhuma Barbie, era uma daquelas do interior. Mas eu adorei! Minha avó fazia as roupinhas, que ela sabia costurar muito bem.

As minhas primas queriam uma também, mas a vovó só deu pra mim. O nome da minha boneca era Maria. Gostei tanto que no dia que eu tive a minha filha coloquei o nome dela de Maria Vitória.

Pra cidade grande, fugidas

Aí fui crescendo, desisti dos estudos, o que foi o meu erro. Até que um dia tive uma oportunidade de adolescente. Eu e as minhas colegas, a Aurilene e a Áurea, vizinhas, sabe como é... uma benção! Uma delas me disse: “Maria, a minha tia ligou e tá precisando de três moças pra tomar conta de criança numa família em Manaus”. Aí eu falei: “Mas eu não conheço Manaus”. Ela falou: “Tu quer ou tu não quer?”. Eu respondi: “Eu quero”. Aí ela ligou pra tia dela. Naquele dia, papai chegou de tarde, eu pedi, só que ele não deixou. Mas aí minha amiga: “Tu não falou que tu ia, agora vamos”. “Como que eu vou? Não tenho nem dinheiro.” E ela: “A gente dá um jeito”. Aí nós viemos, fugidas. A mulher depositou um dinheiro e as meninas tiraram lá em Manicoré.

Quando chegamos, já tinha uma senhora me esperando, essa senhora de Fortaleza, com quem eu fiquei morando. Ela ligou pro meu pai, pra minha mãe, ficou tudo bem. Era uma ótima pessoa. Minha sensação era que eu estava numa terra estranha e não conhecia ninguém, mas a minha sorte é que eu tinha vindo com duas colegas.

Fui cuidar do bebê dela, um garotinho. Aí depois, como o garotinho cresceu, ela me tornou a governanta dela. E os anos foram passando, até que eu enjoei de ficar lá. A gente viajava pra fora, conheci Recife, Fortaleza, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, mas não podia quase sair. Eles são bem de vida, mas eu me sentia só. Aí eu disse: “Eu não quero mais, porque eu vou ficar velha, e não quero ficar sem filho, sem nada”.

Eu tinha 22 anos e, quando voltei, praticamente não conhecia mais ninguém. Os que estavam lá tinham ido pra Manaus ou pra Porto Velho. Já tinha uma nova geração que eu não conhecia mais. Até meus irmãos eram pequenos quando eu saí de lá e já estavam todos grandes quando voltei. Eu fiquei lá um mês, em Manicoré, mas tinha me acostumado pra cá. Então vim de novo pra Manaus, fiquei morando uns tempos com as minhas tias, mas logo fui pra casa de outra senhora. Foi nesse tempo que eu conheci o meu marido...

O moreninho da locadora

Foi assim: na casa que eu morava a gente gostava de alugar filme pro garotinho e ele trabalhava lá nessa locadora, que era do irmão dele. Ele tinha chegado da Bahia, o nome dele é Gildásio. Ele começou a me paquerar, mas eu nem! Eu nunca na minha vida tinha namorado com moreninho, entendeu? Eu sei que a gente não pode falar, mas não queria ficar com ele. Ele marcava lá no centro, na pracinha, eu nunca ia, nunca ia, até que um dia, eu fui... Aí a gente começou a namorar.



A gente não casou no papel, mas vive junto há 16 anos, 17 anos. Tive meu filho, mas ele faleceu com oito meses, de laringite aguda, insuficiência respiratória. Minha primeira gravidez. Chamava Gildásio, como o pai. Parecia que o mundo tinha acabado. Mas

o tempo passou e uns cinco anos depois eu engravidei da minha filha, que é a Maria Vitória, a minha vitória... Fiz todos os tratamentos, pensando que eu não ia mais poder engravidar, porque a minha primeira gravidez foi muito complicada. O médico falava que a segunda era de risco também. Mas graças a Deus ela nasceu com saúde e tá lá em casa. Tem 4 anos.

Aí calhou de não estar trabalhando

Eu sempre gostei de trabalhar, então onde me chamaram eu fui. Trabalhei na loja do meu cunhado, depois fui cuidar da filha de um amigo dele. A gente vai criando amizade pelas pessoas, a gente vê as crianças crescerem... Tanto que a garotinha, quando eu saí, sofreu, chorava, chorava, chorava, de tanto que ela gostava de mim. Tinha vez que meu patrão mandava me buscar, só pra eu ficar com ela e tomar conta da casa dele, porque eu era de confiança.

Meu patrão ficou doente, eu é que cuidei dele, mas aí resolvi que não queria mais, queria ficar em casa com a minha filha. E estava desempregada há um mês quando surgiu essa oportunidade de vir pra cá. Minha colega sempre me convidava, mas eu tava sempre trabalhando. Dessa vez, calhou.

MEU MARIDO NÃO QUERIA QUE EU TRABALHASSE, MAS EU FUI. ACEITO ALGUMAS COISAS, MAS OUTRAS NÃO. SENÃO ELE IA ACOSTUMAR.



E tive sorte que tinha uma vaga e entramos no Espaço Solidário. Lá a gente trabalha com alimentação, com todo cuidado. De manhã, eu fico na chapa; aprendi isso também. Eu achava bonito! Quando eu passava nas lanchonetes sempre falava: “Ai, que lindo, essas meninas todas fardadinhas”. Eu gostei de ter que usar farda. Mas no começo, quando os meus colegas falavam: “Maria, vai pra chapa”, meu Deus do céu, parece que a chapa era um bicho-papão pra mim, eu não sabia fazer nada. Aí a pessoa de lá falava: “Mas Maria, tu tá aqui no aprendizado, entendeu? A gente tem que te ensinar”.

Renda em partes iguais

E hoje tem dias que a gente tá meio chateada, mas outros que nós estamos alegres, a gente conversa, ri muito. É assim. Além de preparar as coisas, a gente faz a limpeza e às vezes o atendimento, quando uma colega vai almoçar. É tipo um rodízio. E é uma sociedade; toda renda é dividida em partes iguais. No momento tem só cinco, mas antes eram sete. Quem fica no caixa lança todas as despesas e as entradas também.

A gente teve toda assessoria das meninas, do educador do Consulado, aprendeu também a fazer as contas, dividir e somar o que tem que ser nosso e o que não tem. Porque tem a parte dos fornecedores de fora também; a gente vende os produtos deles. Tem a Amazon Doces, que faz aqueles biscoitinhos de cupuaçu, salaminho de cupuaçu e castanha, é muito gostoso. É uma rede de fornecedores. Todo mundo é assessorado pelo Consulado, todo mundo passou pelos cursos.

Eu acho que minha vida melhorou muito. Com o dinheiro que eu já fiz no Espaço Solidário deu pra dar uma reformada legal na minha casa. São benefícios ótimos pra mim, porque no dia em que eu sair daqui, eu já tenho!

Meu sonho é montar meu próprio negócio, trabalhar pra mim mesma. Trabalhar pros outros é bom, mas ter a renda do nosso trabalho, ser dono do nosso próprio negócio, é melhor ainda. Então, tenho vontade de montar alguma coisa, uma lanchonete com um restaurante, já que eu sei como tem que fazer a manipulação dos produtos, os cuidados. Então, pra mim, tá ótimo.



Maria Auxiliadora Galdino Soares, conhecida como Dora, nasceu em 22 de setembro de 1976, em Manicoré, Amazonas. É filha de Miguel Galdino de Almeida e Valdete Pereira Soares, ambos agricultores. Muito jovem, fugiu com duas amigas para trabalhar como babá em Manaus e gostou da vida na cidade. Trabalhando em casas de família, aprendeu a cozinhar e a cuidar da casa, conhecimento que hoje aplica em sua atividade profissional. Seu grande sonho é abrir o próprio restaurante ou lanchonete.



Joyce quer aprender mais para ter seu próprio negócio

Eu não vivi muito a adolescência. Me envolvi com um rapaz, engravidei com 14 anos. Estava grávida de seis meses quando tive um aborto espontâneo. Em seguida, um mês depois, eu engravidei de novo. Minha filha nasceu de oito meses, quase morri no parto dela. E oito meses depois que ela tinha nascido eu engravidei outra vez.

Aquilo foi um baque pra mim. Porque eu, com 15 anos, com uma filha de oito meses, engravidar de novo? Não estava mais estudando, não conseguia trabalho nem nada, separei do pai delas. Tive que sair do meu período de menina cedo, ir já para o lado mãe, mulher, de assumir responsabilidade.

Passei uns dez anos fazendo vários bicos, trabalhando assim, aos pouquinhos, mas depois consegui um emprego como repositora de roupa em uma loja no Cambuci. Então consegui alugar um lugar, sair da casa da minha mãe com as minhas filhas. Voltei a estudar e comecei aquele tempo de adolescência de novo, de querer sair, de querer curtir.

Como eu passei um tempo desempregada, eu vendia pastel, vendia lanche na minha casa, montei uma barraquinha. Eu sempre tive essa vontade, de ter o meu próprio espaço. Hoje eu vejo no meu trabalho uma possibilidade de aprender mais coisas pra, lá na frente, eu abrir o meu próprio negócio.



Joyce Ribeiro dos Santos nasceu e mora em Diadema, em 1º de novembro de 1986, filha de Joel João Vieira da Silva, falecido, e Elenice Ribeiro, que trabalha separando material reciclável. Hoje, Joyce é mãe de três meninas, Letícia, Jaqueline e Gabriele. As duas primeiras nasceram quando ela ainda era adolescente e a terceira é filha de seu atual marido. O casal frequenta a igreja evangélica; Joyce é missionária e o marido é pastor. Atualmente, trabalha na lanchonete do Espaço Solidário em São Paulo, onde desempenha todas as funções, do atendimento ao preparo dos lanches e refeições.

Raimunda de Saracá já fez muito, mas não sossega enquanto não estudar agronomia

Parece mentira, mas isso aqui era um matagal, um tirirical, na verdade, quando eu cheguei. Comecei a trabalhar como professora para o município de Novo Airão, que logo em seguida passou a Iranduba. Eu só tinha a terceira série, estudei bem pouquinho quando criança, e já estava com 42 anos. Mas o prefeito me convidou e eu sempre quis ser professora.

No começo eu morava numa casinha, mas passei a morar, estudar e lecionar na escola, uma escola bem grande. Todo fim de semana eu tinha que ir estudar em Novo Airão. Depois passei três meses em Manaus, estudando direto; não saía de lá pra canto nenhum. Aí terminei o ensino fundamental, e o médio eu fiz a distância. Eu dava aula até sexta-feira, de tarde ia pra Iranduba, estudava sexta à noite, sábado o dia todo e domingo até meio-dia. Me formei e recebi um diploma e um anel do meu marido. Eu tinha 64 alunos só na parte da manhã, mais 25 à tarde e 15 à noite.

Hoje sou aposentada, e tem o restaurante Encanto do Saracá, apoiado pelo Consulado da Mulher, que é de todo mundo. Mas eu ainda tenho um sonho grande: eu sou louca pra fazer faculdade de agronomia. Esse é um sonho que ainda não realizei.

Raimunda das Chagas Ribeiro nasceu em Lábrea, no Amazonas, em 13 de dezembro de 1944. Hoje é chamada de Saracá por todo mundo, porque foi a fundadora da comunidade de mesmo nome. Filha de Lino Fernandes Ribeiro, seringueiro, e de Francisca das Chagas Fernandes, era a única mulher de nove irmãos. Fugiu de casa aos 13 anos para se casar, mas o rapaz não quis assumi-la. A partir daí, teve várias relações tempestuosas e violentas, até que conheceu Idelfonso, um companheiro para todas as horas, com quem está há 34 anos. Engravidou várias vezes, mas seus filhos biológicos faleceram. Ela criou Ézio e Iolanda, seus filhos do coração, além de ter educado dezenas de jovens de Saracá.







Museu da Pessoa

Museu da Pessoa é um museu colaborativo, que, desde 1991, registra histórias de vida e as transforma em fonte de conhecimento, compreensão e conexão entre pessoas e povos. Seu acervo inclui mais de 17 mil histórias de vida e 72 mil documentos e fotos digitalizados.

Para saber mais: www.museudapessoa.net

Diretora-presidente

Karen Worcman

Projetos editoriais

José Santos

Sustentabilidade

Frederico Moncorvo Barletta

Andréia Costa de Souza

Conte Sua História

Rosana Mizziara

Luiza Paiva Paganoni

Acervo

Ana Maria Leitão (assessora)

Lucas Lara

Felipe Rocha

Lucia Esteves

Portal

Diogo Cutinhola

Joyce Pais

Administrativo-Financeiro

Rogério Teperman

Viviane Rocha

Keli Garrafa

Cleide Soares

Alan Fava

Memória Institucional

Marcia Ruiz

Melissa Machado

Créditos da Publicação

Coordenação Geral do Projeto

Sônia London

Coordenação Editorial

José Santos Matos

Edição de Textos

Lizandra M. Almeida

Pesquisa e Entrevistas

Eliete Pereira

Marcia Elias Trezza

Revisão

Monalisa Neves

Projeto Gráfico e Diagramação

Editora Olhares

Impressão

MaisType

Fotografia

Juvenal Pereira

Gravação

Cartola Filmes

Produção

Tati Rommel

Equipe Consul

Cristina Saraiva - Especialista de Branding Consul

Renato Firmiano - Gerente de Marketing Consul

Pethra V Ferraz - Diretora de Marketing

Equipe Instituto Consulado da Mulher

Leda Boger - Diretora Executiva

Erica Zanotti - Coordenadora de Desenvolvimento Institucional

Kelly Fusteros - Analista de Comunicação

Nathalia Marangoni - Analista de Comunicação

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mulheres que fazem história / organizador Museu
da Pessoa. -- 1. ed. -- São Paulo : Museu da Pessoa, 2014.

ISBN 978-85-62114-43-4

1. Mulheres - Biografia
2. Mulheres - História I. Museu da Pessoa.

14-11184

CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Biografia 920.72